



**PRÊMIO
MARIA JOSÉ MALDONADO
DE LITERATURA
2016**

Antologia de Textos Premiados

Academia Volta-redondense de Letras

Prêmio
Maria José Maldonado
de Literatura
2016

Antologia de Textos Premiados

AVL

José Huguenin
(Organizador)

**Antologia de textos
premiados**

**Prêmio Maria José Maldonado de
Literatura 2016**

1ª Edição

Volta Redonda – RJ

AVL

2016

2016 © Academia Volta-redondense de Letras

2016 © Vários autores

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Volta-redondense, Academia de Letras

Antologia de textos premiados PMJML 2016 /
Academia Volta-redondense de Letras / Vários Autores .-- 2016.

ISBN: 978-85-69545-02-6

1. Coletânea de Poemas. I. Título.

2. Coletânea de Contos. II. Título

CDD:808.81

Presidente: Mércia Christani

Vice-presidente: Vicente Melo

Presidente do Conselho Deliberativo: Eldo Costa

Coordenação Editorial: José Huguenin

Organizador do PMJML: José Huguenin

SUMÁRIO

Apresentação

Um novo espaço de divulgação literária..... 7

José Huguenin

Maria José Maldonado.....9

Jean Carlos Gomes

Comissões julgadoras12

Textos Premiados

Contos Premiados.....22

Poemas Premiados.....30

Destaques Sul Fluminenses.....49

Apresentação

UM NOVO ESPAÇO PARA DIVULGAÇÃO LITERÁRIA

O Prêmio Maria José Maldonado de Literatura (PMJML) foi criado em pela Academia Volta-redondense de Letras (AVL) em 2015, ano em que completou dez anos de fundação. Antes de mais nada, o PMJML é um ponto de encontro entre leitore(a)s e escritore(a)s lusófonos espalhados pelo mundo, tendo por missão divulgar a língua portuguesa e a literatura, promovendo a produção literária nos gêneros Poesia e Conto. Nasce com este prêmio, portanto, um novo espaço para autore(a)s divulgarem suas obras, uma vez que a cada edição do PMJML a AVL publicará uma antologia com os textos premiados.

O PMJML premia até quinze autores em cada gênero (Conto e Poesia) com avaliação às cegas. Cientes do papel que o PMJML pode exercer para promover a literatura na região, foi criada a distinção *Destaques Sul Fluminenses*, para enaltecer e reverenciar autore(a)s da região Sul Fluminense que se destacaram no certame.

A primeira edição do prêmio ocorre neste ano de 2016 e sua estreia não poderia ser melhor. Tivemos 772 inscrições, sendo 428 na categoria “Poesia” e 344 na categoria “Conto”. As inscrições vieram de todos os estados brasileiros,

incluindo o Distrito Federal, além de contar com escritores e escritoras lusófonos de Cabo Verde, Moçambique e Portugal, terra natal de nossa homenageada.

Dar o nome da acadêmica Maria José Maldonado ao prêmio confere a ele uma dimensão elevada de qualidade literária, sensibilidade e humanidade. Eis o motivo do desafio das Comissões Avaliadoras, a quem muito agradecemos pelo grandioso trabalho feito.

O resultado que entregamos aqui muito nos orgulha, pois os textos são um retrato do Brasil, vindo de onze estados brasileiros, sendo um de Resende, além de um poema de Angola. Três poetas Sul Fluminenses foram destacados, um de Volta Redonda e dois de Resende. Nossas homenagens aos premiados por seus belíssimos trabalhos que temos a honra de publicar.

O leitor tem em mãos uma reunião ímpar de textos de grande qualidade literária. A antologia também traz uma pequena biografia de MJM e, para nosso deleite, uma seleção de seus poemas, feitas pelo confrade, o Jean Carlos Gomes. Nos resta desejar a todos uma boa leitura!

José Huguenin

Organizador do PMJML 2016

A.V.L. – Cadeira 17

MARIA JOSÉ MALDONADO

Por Jean Carlos Gomes

Poeta, Editor, Colunista e Acadêmico

AVL – Cadeira 29

Maria José Bulhões Maldonado nasceu a 20 de setembro de 1922, em Estremoz, Alentejo, Portugal. Filha de Antônio Domingues, oficial do exército português e de Laura Bulhões Maldonado Rodrigues. Residiu na cidade do Porto e depois em Lisboa, onde casou-se em 1942 com Antonio Costa Severino, pai do seu primeiro filho, Antonio José Bulhões Maldonado Severino, falecido em 19 de novembro de 1990 na Ilha da Madeira.

Em 1955, divorciou-se e em 1956, fixou residência em Lourenço Marques, Moçambique (África), onde conheceu seu segundo marido, Fernando Fernandes de Oliveira. Em 1962, nasceu em Moçambique, o seu filho Carlos Fernando Bulhões Maldonado Oliveira.

Mudou-se para o Brasil em 28 de março de 1975, fixando-se na cidade do Rio de Janeiro com seu marido e filho mais novo, onde permaneceu por dois anos. Em 1977 chegou a Volta Redonda, onde residiu até o dia do seu

falecimento ocorrido em 13 de novembro de 2010 em sua residência.

Despertou para a poesia aos doze anos e aos quinze anos, escreveu o soneto “Perolas”, e não parou mais. Em Moçambique escreveu dois livros: *Cântico à vida*, editado em Coimbra – Portugal em 1967 e *Teia do Tempo*, editado em Lourenço Marques, Moçambique, em 1972.

Em Volta Redonda, publicou os livros *Dias Habitados* em 1985, *Perspectivas de Pássaro* em 1990, *Navegante da Palavra*, 1998 e *Amor-Mundi* (Antologia com inéditos e textos dos cinco livros anteriores), 2009.

Nos anos que residiu no Rio de Janeiro dedicou-se inteiramente à Literatura. Foi cofundadora e membro da Academia Internacional de Letras do RJ (desde 1986), na cadeira patronímica Fernando Pessoa. Em Volta Redonda, em 1976 associou-se ao GLAN – Grêmio Literário de Autores Novos e em Barra Mansa, associou-se ao GREBAL – Grêmio Barramansense de Letras. Foi membro fundador das Academias: Barramansense de Letras (2004).

Em 2005 ajudou a fundar a Academia Voltaredondense de Letras, na cadeira de Número 4. Por sua contribuição ímpar para a literatura Sul Fluminense, pela

beleza de sua obra, a AVL dá o nome desta magnífica escritora ao prêmio literário que promove.

Também foi cofundadora do Rotary Clube Volta Redonda-Oeste com a classificação “Literatura e Poesia”. Homenageada entre os que se destacaram nas artes do Sul do Estado do RJ, seu nome está gravado na Placa Comemorativa da inauguração do Espaço Cultural GACEMSS em 25 de julho de 2000.

Foi premiada em 10 concursos, e foram-lhe outorgados 15 diplomas e 5 medalhas, entre elas a Medalha da Associação Cultural Internacional Gibran, conferida por Mansour Chalitta; a Medalha Olavo Bilac, conferida pelo Grêmio Barramansense de Letras. Também recebeu o Título de Cidadã Volta-redondense conferido pela Câmara Municipal de VR em 1988.

Participou de dezenas de coletâneas, antologias e prefaciou inúmeros livros. Em fevereiro de 2011 editei a *II Coletânea Século XXI*, resultado da II Seletiva Nacional de Poesia 2010, realizada pela Poart Editora de Volta Redonda, que dirijo. Três meses antes, perdíamos o convívio da estimada poetiza e querida amiga. Como não poderia deixar de ser, o livro trouxe uma homenagem póstuma a MJM. Nesta homenagem tive a honra de

publicar poemas inéditos que ela deixou comigo, que também apresento aqui¹, congratulando-me as homenagens que o prêmio literário faz, deixando nesta primeira antologia de textos premiados os traços de pura poesia, uma pequena mostra dos versos melodiosos, sensíveis e incisivos da nossa imortal Maria José Maldonado!

NOITE TRANSFIGURADA²

Anoiteço com o intuito de acordar
sendo o que sempre fui:
vibrante de poesia, de abarcar o mundo,
de ser aurora ao despontar do dia.
Viver plena, em unidade, vida prodigiosa,
que me liberte deste apatia,
que corrói a alma e a inspiração,
e definha a mente ensimesmada.
Este não fazer, este não-ser
é já pronuncio da morte anunciada.
Ímpeto de seguir pela estrada
florida da esperança.

¹ Poemas de MJM publicados na *II Coletânea do Século XXI*, Poart Editora, Volta redonda – RJ (2011)

² Poesia inédita deixada por MJM a Jean Carlos Gomes

De abrir janelas para o mistério que me cerca
e cerceia a vontade de seguir
irmanada com a Poesia.

Iluminar esta NOITE TRANSFIGURADA,
sacudir este sono letárgico que me invade,
e me torna muda e fria.

Para que embalar-me nos anos já vividos
Carregando na alma os livros que gerei?
Se estou viva, espaço aberto anunciando LUZ!
Propósito de continuar a ser vida prodigiosa.
Marcar meu espaço.

Sair da inércia de APRENDIZ DA MORTE.
Cérebro inerte que não concebe vida.

Sublimar a ARTE DE VIVER
para a dignificação da existência.
Ser outra vez labareda alta
incendiando idéias.

Fonte de vida!

Na segura de estátua petrificada
derruba o muro que me silencia.
Rasgo janelas para o infinito

pra receber a luz que ora me falta.
Seguir a mesma estrada, como dentes,
sem tropeço dos anos.
Dando-me em amor aos semelhantes.

Olho-me no espelho e vejo-me mudada:
a sombra do que fui!
Não sei onde guardei o vestido-alegra
que na infância vestida.
E a fantasia que usei na juventude
na avenida do tempo a esqueci.
Mas a fulguração da poesia
ilumina minh'alma.
De novo o encontro luminoso,
a alegria de criar!
Vontade de reencontrar-me,
VIVER!
Dar luz aos sentimentos
nublados pela apatia.
Iluminar a alma crepuscular.

Um instinto divino me incita a reconstruir o espírito,
dar vida às minhas mãos paradas,

quebrar as algemas, ficar liberta.
Ser ave voando no UNIVERSO.
Volta a ser POETA.

BRASIL³

Chego ao país da beleza
que me acolhe em seu regaço.
É todo um céu um sorriso,
é toda terra um abraço.
Chega comigo a certeza
de saber o chão que piso.

Brasil, és a minha terra,
porque tu és, afinal,
a terra irmã na saudade
que me prende a Portugal.

Terra boa que Deus quis
que eu abraçasse de novo.
Isto não é emigrar,

³ Poesia de MJM musicada, cantada e gravada em CD pela cantora
Dilma Phólen

chegar aqui é chegar
ao meu país outra vez.

No coração do teu povo
leio amor em português.

APARÊNCIA DE VIDA

Hoje, nem corpo sou!
Que alma só, o sonho me consente.
Minha carne de terra, à terra pende.
E minha alma de crente
ao céu ascende.

MÃE

Quando me vem esta dor, esta saudade
moldando na memória a palavra MÃE.
Guardo para me embalar
a lembrança de tua leve passagem.

Esse nome provoca em mim
o carinho que não me foi dado conhecer.

Nome mágico, envolvente, de embalo.
Enorme na pequenez!

Procuro no olhar das mulheres grávidas,
o que teus olhos gritaram
quando me concebeste
no sacrário do teu ventre.

Recolho de cada gesto a carícia
com que me recebeste ao nascer.
E encontro um pouco de ti
no olhar da mãe atento ao filho.

Entrego, Minha Mãe, meu corpo exausto
em teu colo imaginário
e regresso à infância.

Quando é em mim este silêncio
que te projeta, sei que só uma palavra
é necessária e urgente: M ã E.

SILÊNCIO

Silêncio grave
que me trespassa
como som cavo de eternidade.

Sombra de gestos,
eco de restos...
Lágrima quase.

TUAS MÃOS

Nas tuas mãos gravaste
as linhas do meu corpo!
- Reprodução fiel do meu anseio -
Nas tuas mãos, nas tuas mãos em concha,
há o contorno exato do meu seio.

Existe em tuas mãos, nelas somente,
a forma ideal e pura,
afago terno e brando,
que leva a minha vida
às raias da loucura
ou a sustém num sopro.

Glorificar em verso
as tuas mãos de espuma,
em bronze ou em granito
eternizar o gesto,
a maciez de pluma.
É ETERNIZAR MEU CORPO!

TUDO EM MIM É MAIS LONGÍNQUO DO QUE A INFÂNCIA

Tudo em mim é mais longínquo do que a infância
A infância corre em mim como rio de margens estreitas
onde me cabe descansar de vez em quando
um rio-espelho onde me miro

Cara de infância na imagem refletida
nas águas cristalinas da memória
sem vontade de olhar a mulher que sou
mulher que encontrou um dia no baú velho
os laços de menina

Da mulher só quero lembrança do tempo de ninar

do ventre redondo onde abriguei os filhos
para os trazer à vida
e a lembrança é aguardente queimando forte
as entranhas que os conceberam

Estou já arrumando o cajado
a que me hei-de encostar
para seguir até ao fim da estrada sem vacilar
Quero chegar à morte em plenitude
Tudo em mim é mais longínquo do que a infância.

CANTO

Sinto uma fome infinita
de me dar, de repartir.
E as comportas deste AMOR abrir.

E este meu canto é o grito
do Amor que trago em mim.
Clara manhã.

Infinito...

Clarim.

RESTA ESTA SAUDADE

Resta esta certeza
de chegar ao fim,
de que o tempo foge...

Resta o limiar
do anoitecer.

RESTA ESTA SAUDADE

do que foi viver.

COMISSÕES AVALIADORAS CONVIDADAS

Para cada uma das categorias do *PMJML* tivemos uma Comissão Avaliadora convidada independente, composta por membros da AVL de reconhecida competência.

Poesia

Elyane Lacerda – *Cadeira 11*

Regina Vilarinhos – *Cadeira 04*

Icléia Goulart Gama – *Cadeira 31*

Thiago Ferreira – *Cadeira 19*

Mércia Christani – *Cadeira 07*

Contos

Giovana Damaceno – *Cadeira 10*

Aline Reis – *Cadeira 18*

Renato Barozzi – *Cadeira 23*

Vicente Melo – *Cadeira 20*

Djalma Augusto dos Santos Mello – *Cadeira 27*

Contos

Premiados

APARECIDA GIANELLO DOS SANTOS,

Martinópolis-SP

Escritora e poeta, nasceu em Guaira – PR em 24 de janeiro de 1973. Atualmente mora em Martinópolis - SP. É autora dos títulos: *Pensando Bem... Mil pensamentos para inspirar seu dia a dia*, *Cem poemas e um segredo* e *Retratos que o tempo não me tirou*. Tem participação em 17 antologias, por meio de concursos literários, além de outras premiações, destacando-se nos gêneros: Conto, Crônica e Poesia.

Título Premiado: A estranha

Conheça mais obras da autora: cida_gianello@hotmail.com

A ESTRANHA

O banco da pracinha era o meu lugar favorito. De lá eu via o mundo. Gente indo e vindo, crianças brincando e até cachorros, passarinhos e insetos. Gostava também de observar as coisas, além de pessoas e bichos. Sabia que já não era mais observada por ninguém, afinal, gente velha é pouco interessante aos diversos tipos frequentadores desse mundo-praça.

A tarde fresca de outono convidou-me a ficar mais um pouco naquele dia em meu velho banco. Quando já passava das cinco, notei, em meio as almas apressadas do amplo calçadão, uma estranha jovem. Tanto que parecia não se encaixar àquele espaço. Ao mesmo tempo, tinha um ar familiar e isso me intrigava. Ela lembrava meus tempos de juventude, e acho até que se parecia comigo. Observava-me de longe, mas disfarçava, e eu disfarçava junto demonstrando não estar sacando nada.

Como um filme passando, meus pensamentos começaram a rolar pelos corredores do tempo, indo até as mais longínquas lembranças. E não era a primeira vez que isso me acontecia, voltar no tempo estando no mesmo lugar.

Era incrível como minhas memórias foram preservadas, sendo-me tudo ainda tão claro. Não obstante, pouco guardavam de recente. Pudera, eu era só uma velha... Mas, e aquela jovem, quem era?

Passos mais apressados já tomavam conta do cenário quando as luzes das vitrinas começaram a se acender. Talvez eu já devesse estar em casa, contudo, a estranha me intrigava ainda. Estava agora mais perto, observando-me com mais intensidade e quase nada de discrição. Continuei fingindo... Até que ela sorriu. Entendi que foi para mim, mas apenas sorri pra dentro. Foi quando pude me ver em seus olhos mesmo no lusco-fusco. Coisa de alma. Como se fôssemos ligadas de alguma forma. Aquele olhar de anjo... Mas o que um anjo fazia ali, tão visível aos meus olhos? Será que alguém mais estava vendo o que eu estava? Acho que não... Todos estavam com pressa, querendo chegar a algum lugar, querendo avançar. Eu não. Eu pouco esperava do futuro, nada tinha de pressa comigo e, por ora, viajava em minhas lembranças. Compromissos? Nenhum de que me lembrasse...

Não desgrudava os olhos da jovem, e, confesso, já nem me importava mais que soubesse que eu estava seduzida por

sua mística. Depois daquele sorriso, entendi que queria contato, e a certeza veio quando ela começou a vir em minha direção. Meu coração foi acelerando enquanto meu corpo tremia – pernas, mãos, pele, tudo – parecendo que eu ia ter um treco ali mesmo, no banco da pracinha. Aquela mesma figura que minutos antes encantava agora me botava em parafusos. Segui tentando conter minha monstra ansiedade. Elegância sempre! Assim me ensinara mamãe, quando viva.

Parou a bela bem a minha frente. Eu, sentada ainda, fiquei sem ação. Parecia enfeitiçada com a luz que emanava dela. Suavemente, abaixou-se a estranha à altura de meus olhos, segurou minhas mãos e disse:

– Vamos?

– Eu, ir com você, mas pra onde? – perguntei.

– Sim. Já está na hora... Vamos?

– De jeito nenhum, ora essa! Eu nem te conheço, daqui não saio.

Fiquei histérica, já pensando na possibilidade de ela ser uma golpista ou coisa assim, mas não entendia porque não desconfiara de nada quando antes me observava de longe. De pé, e pronta para uma fuga, fui dizendo que se afastasse ou eu chamaria a polícia, o que despertou a

atenção de alguns passantes, arrancando-os de seus mundos. Definitivamente ela não era um anjo. Tive esta certeza ao que sacou do bolso um celular e, enquanto ainda me cuidava com os olhos, fez uma chamada...

– Pai, você precisa vir aqui, a vovó tá estranha de novo!

CRISTINA CACOSI

Bragança Paulista – SP

Graduada em Letras e Pedagogia. Ocupa a cadeira nº 3 da Academia Bragantina de Letras. Vice-Presidente de Administração da União Brasileira de Trovadores – seção de Bragança Paulista. Autora de dois livros. Coautora de vários livros. Publicações em Coletâneas e Antologias Nacionais e Internacionais (Portugal e Suíça). Obteve do 2º ao 10º lugar e Menções Honrosas, Especiais e Destaques (Trovas, Poemas, Crônicas e Conto) por várias Academias e Associações de Escritores. Participante do blog Poesia em Trovas e da revista virtual Varal do Brasil – Literário, sem frescuras!

Título Premiado: Quinta-feira

Conheça mais obras da autora: criscacossi@yahoo.com.br

QUINTA – FEIRA

- Então lhe contarei uma história que poucas pessoas sabem.

Tudo começou quando eu possuía uma loja de antiguidades. Nela não havia “um pouco de tudo” como em determinados antiquários. Apenas dispunha para meus clientes de cadeiras de diversos estilos, tajes, cómodas, lustres, tapeçarias e cortinas.

- É. Cortinas - repeti diante da expressão admirada de Leila, a dona do quiosque.

O ambiente era bem aconchegante, muito espaçoso, dividido em diversas salas arejadas. A casa datava de 1865, época em que as construções eram feitas com bom gosto. Havia nela muitas janelas altas, largas, portas duplas que se abriam para belos jardins.

Todo cliente ficava não somente encantado ao adentrar nas dependências dela, como também à vontade.

No hall de entrada, acompanhando os arcos naturais da sacada toda, pendiam ramos de folhagens num tom de verde esmaecido, com delicadas folhas e minúsculas florinhas em tons pasteis, que deliciavam qualquer vista.

Mas o detalhe é que eram de ferro. Apenas algumas pessoas bem perceptivas e sensíveis à beleza, é que constatavam o capricho do criador daquela arte.

Já na primeira saleta, deparava-se com um quadro de aviso em formato de pergaminho, onde estava escrito em letras artesanais góticas, em dourado, o seguinte:

Essas lembranças são suas
...Somente suas...
Ninguém saberá recordá-las
Nem vivenciá-las como você!
Aprecie tranquilamente,
Transforme o ambiente,
Sinta-se contente...

Na ombreira da porta, bem ao alcance da mão, via-se uma cordinha com um laço de cetim na ponta, que ao ser puxada, ouvia-se lá na minha sala, a qual eu chamava de sala do diálogo, o som de um sininho.

- Nossa, Mauro, sua loja era cheia de romantismo, hein?

- Eu não diria romantismo, mas identificação.

Li um livro chamado “Os anseios da alma feminina do século passado”. Nele, o autor mostrava através de uma pesquisa feita com inúmeras mulheres de variadas idades, o

desejo delas de como “tudo”deveria ser feito de modo que as agradasse.

Após ler o livro, me deu vontade de resgatar esses objetos de acordo com o que estaria no recôndito de toda mulher.

- Mas você corria o risco de sua loja ser um fracasso, pois como encontrar os mesmos gostos nas mulheres de hoje em dia, que eram as que entrariam em sua loja? Mesmo as que se interessavam por objetos antigos, seriam diferentes daquelas, não?

- Sim, porém apostei tudo na satisfação da mulher de todas as épocas, que vê uma criação feita só para ela, e que entraria lá, se identificaria com a de outras gerações e que nunca encontraria algo, hoje em dia, que a preenchesse tanto.

- E no que deu isso? – perguntou Leila cheia de curiosidade.

- No que deu? Lá vai.

Numa quinta-feira comum ouvimos o som do sino. Uma de minhas atendentes dirigiu-se à entrada.

_ Boa tarde! Pois não!

- Quero conhecer os objetos da loja.

_ Quer que eu a acompanhe em cada aposento ou prefere estar sozinha e ao se interessar , me chamar?

- Prefiro a última opção.

- Está bem. Se precisar de mim, basta tocar a cordinha que há em cada sala. Do contrário não a incomodarei.

A pessoa parou no hall, olhou calmamente para os dois lados, acompanhou todo o trajeto da escada, que se dividia em mais duas escadas laterais, pôs as mãos no corrimão, deslizando-as alguns centímetros e iniciou a subida.

Tinha as mãos enérgicas, mas cheias de suavidade; passos firmes, mas macios.

- Como você percebeu isso, Mauro, se não estava com ela?

- Instalei câmeras bem discretas que não contrastassem com o ambiente. Elas ficavam entre os bandôs das cortinas, só filmando por trás, para que as pessoas não tivessem a sensação de serem invadidas em suas emoções.

Depois de duas horas, as câmeras mostravam que ela ainda estava na primeira sala. Achei estranho, mas, cada um, cada um. Porém, um ato mais estranho ainda me chamou a atenção. A moça pôs as duas mãos no rosto e soluçando saiu apressadamente, sem dar tempo a alguém de interceptá-la.

Fui até a sala e encontrei um minúsculo papel azul claro alfinetado na cortina com quatro versos:

Rara sensibilidade

Raro encontro

Masculinidade ou feminilidade?

Raro encontro

Achei interessante. Guardei-o. Mas não esqueci o acontecido.

Após um período que não sei precisar bem, coincidentemente ou não, numa quinta-feira, notei através da câmera, que uma pessoa já estava há duas horas numa determinada sala. Pensei “Será a mesma da outra vez?”

Desviei o olhar para as outras telas. Ao me fixar novamente naquela, vi a mesma atitude: ela soluçava com as mãos no rosto e saía rapidamente. Novamente não deu tempo para alguém alcançá-la.

Subi até lá. Na cortina estava um minúsculo papel rosa claro alfinetado na cortina que continha quatro versos:

Raro gosto

Raro encontro

Há um pressuposto

Raro encontro

Fiquei intrigado. Guardei o papel.

Uma terceira vez o fato se repetiu. Estava ela numa outra sala há duas horas, numa quinta-feira. Saiu soluçando. Havia deixado uma atendente de prontidão ao pé da escada, que disse:

- Senhorita, precisa de ajuda?

- Não, obrigada – e se foi sem nem mais uma palavra.

Subi à sala e lá estava na cortina outro papel, agora amarelo claro, com mais quatro versos:

Alma criativa

Raro encontro

Muito perceptiva

Raro encontro

Recolhi-o. Guardei-o junto aos outros dois.

- Mauro, mas essa história está ficando por demais interessante! Você já mora nesta ilha há três anos e nunca contou nada parecido. E olha que você é um bom contador, hein? – a dona do quiosque comentou.

- Realmente é interessante – garantiu após sorver uns bons goles da bebida que o ajudante dela havia acabado de colocar na mesa.

- Você pode trazer os bolinhos de milho agora, Ênio? A fome está chegando junto com este nascer do sol.

- Deslumbrante por sinal. - salientou Leila – puxando a cadeira junto a um raiozinho que chegava na frente. Continue Mauro, pois a mim parece que esse raiozinho esperto está tão curioso quanto eu.

A partir daquele dia, ficava à espreita, como se fosse uma caçada.

Eu me perguntava “A quem ela dirige os versos? São para mim? Oh! Quanta pretensão!

Descobri as respostas na próxima ida dela à loja, pois ela perguntou à atendente:

- A pessoa responsável por esse universo feminino (e abriu os braços girando o corpo a 360 graus) é um homem, não é?

- Sim – respondeu a atendente – e ia falar de mim, mas foi delicadamente podada.

- Não fale mais nada, por favor. Isso me basta. – falou e foi subindo as escadas vagarosamente.

Não ficou duas horas como o esperado. Passou a mão pelas cortinas, jogou um beijo com a ponta dos dedos e se foi.

Dessa vez, corri até a sala. Fui direto à cortina e... nada havia ali, contudo, em cima do tajeir havia um papel verde claro com os versos:

Tinha a alma sufocada

Da felicidade alheia intoxicada

Em meu coração a esperança foi gestada

Hoje sinto que amo e sou amada

Leila, fiquei perplexo, atordoado; o papel tremia entre minhas mãos.

Confesso a você que corri até a rua para ver se a encontrava. Olhava para os lados e nada... Daí pensei desesperado “Não adianta, eu não a reconheceria, pois nunca vi seu rosto”.

Voltei desolado . Como uma criança que espera pelo presente do Papai Noel, esperei, esperei, esperei... mas ela nunca mais voltou. Mauro levantou-se e de seu bolso caiu um papel branco com os seguintes versos:

Nesse encontro raro

Eu a encontrei

desse raro encontro

Para sempre a amarei

A dona do quiosque olhou diretamente para o sol que acabara de nascer.

Não sabia em que expressão compor os músculos da face.

JENNIFER TRAJANO

João Pessoa – PB

Nasceu e reside em João Pessoa/PB. Tem 19 anos, é amante e apreciadora das artes com especial fascínio pela literatura, um dos motivos que a faz cursar Letras Português pela Universidade Federal da Paraíba, no intuito principal de modificar o universo do outro, através do ensino.

Título premiado: Fênix

Conheça mais bras da autora: jenniferadrit@gmail.com

FÊNIX

Cansou da espera, da bêbada vida com mínimos momentos de pura embriaguez. Cansou dos cigarros, da melodia nas músicas e dos tons das conversas. Cansou do morgado das festividades. Os livros já não possibilitavam mundos possíveis. As doses já não afogavam, como de costume. Cansou de toda a porcaria do mundo, no mundo. Cansou de si, do vulgar e vagabundo coração. Cansou de sentir o vento, que fosse, mesmo sendo chamado pela brisa. Repugnou os beijos, as verdadeiras palavras “infalsas” e as feridas que não cicatrizavam. Lamentou os desejos, as queixas e incertezas. Lamentou as dúvidas quanto ao mundo. O tempo já não passava mais, já não valia escrever para habitá-lo. Pensava que a eternidade era um fator cultural e, sendo assim, presumiu que não entenderia suas próprias palavras numa outra língua. Tudo em vão. Já não podia chorar pelo derramamento de leite, pois o seio estava seco. Engolia o universo, extensamente. Cansou das facilidades, da futilidade. Desistiu de abrir a caixa de Pandora, por falta de vontade. A esperança habitava nas utopias. Tudo em vão. Era o último dia do ano e, talvez, o penúltimo dia de vida.

JORGE ALBERTO SALTON

Passo Fundo - RS

O autor já teve publicado os romances “Só valentes constroem miragens”, “Não busques o perfume em um só coração” e “Árvore dos sussurros”. Também publicou o livro de crônicas “O truque do tuco-tuco” e o livro de contos “Chá de garfo”. Foi Patrono da Feira do Livro de Passo Fundo 2015.

Título premiado: Um som de sino a acompanhará para sempre

Conheça mais obras do autor: jasalton2@gmail.com

UM SOM DE SINO A ACOMPANHARÁ PARA SEMPRE

O vento entrava ziziando pelas frestas das janelas e o rumor do mar, dali de cima, pouco se ouvia. Enquanto Professor completava os cálices com licor, Roberta observava. As cores do ambiente chegavam intensas a seus olhos. Na sala, havia muito pinho. A cozinha se seguia a ela, sem uma divisão demarcada. A lareira, a lenha, quase tudo ali irradiava aconchego.

Com o cálice na mão, Roberta sentou-se no banquinho do piano e por sobre sua longa cauda viu as luzes de um navio no horizonte do mar.

- Lembra desse texto da Leyla Perrone-Moisés? – Professor folheava um pequeno livro. - “A lição de Barthes: ‘Eis o que eu fiz, isto não é para ser feito pois já está feito; mas o fato de que eu tenha feito prova que é fazível’”.

- A afirmação de uma possibilidade...

Roberta bebeu o licor de um só gole e permaneceu mirando o fundo vazio do copo. Professor, para ela, era a “afirmação

de uma possibilidade”. Seus livros provocavam um tranquilo desafio para o bem.

- Nos anos que aqui passei sob sua orientação, duas vezes estive com Pierre. Almoçamos os três, lembra?

- Roberta... além de Pierre, gostaria que você tivesse sido minha filha. Mas foi uma boa aluna e isso já está bom.

- Deveria ter vindo visitá-lo mais vezes. Muitas vezes.

O copo caiu da mão de Roberta. Bateu no chão. Não quebrou.

- A universidade te absorve. Não é fácil largar tudo, pegar um avião, viajar tanto...

Foram os únicos comentários. Professor seguiu em silêncio sua leitura. Roberta parecia observar o copo caído no chão.

Era madrugada quando acordou. Vestiu calça jeans, blusa de linha, tênis e saiu pela porta da frente. Ventava. Roberta distinguiu o vulto das árvores que subiam o morro à sua direita e eram jogadas para um lado e para outro.

Debruçou-se no parapeito do viaduto. O ruído intermitente dos motores competia sem vitória com pensamentos contraditórios que a absorviam. Talvez fosse melhor não ter vindo. A presença do Professor, comprovava hoje mais uma vez, aplacava sua recorrente sensação de solidão. Vir e ver

com os próprios olhos que a vida do Professor estava finalizando... melhor não ter vindo.

Uma buzina forte a fez voltar a interessar-se pelos carros passando embaixo.

Era dia quando retornou à casa. Encontrando seus brincos na cômoda do banheiro, optou pelos pequenos de pedras verdes. No café, o Professor tentou assobiar uma música. Riram.

O sol, atravessando a vidraça, aquecia as pernas de Roberta. Sobre a mesa, vários livros. Do outro lado dela, um homem com rugas no rosto bem barbeado, fios brancos na sobrancelha, camisa de mangas compridas branca, com listras de um azul bem clarinho.

Por três anos encontrara-o regularmente. Professor, que se reunia com seus orientandos a cada mês, recebia-a semanalmente e até mais vezes. Algo os aproximava. Não havia erotismo, a diferença de idade era muito grande e Professor, mesmo revelando algum tênue desejo erótico, nunca se insinuou. Certa vez descreveu-a enaltecendo seus olhos verdes, seu corpo com medidas certas, palavras dele, seu rosto sério e suave, seu jeito de vestir quase sempre roupas folgadas. Mas foi só essa vez.

Aprendera com ele algo que não sabia nominar, algo vinculado ao silêncio entre duas pessoas.

- Roberta, vamos fazer o contorno da casa.

A temperatura estava amena e havia pouco vento.

- Será mesmo flor de lótus? – duvidou Roberta.

- Não tenho certeza. O botão tem formato de coração. Buda, quando andava, deixava atrás de si pegadas de lótus. É o que diz a lenda.

Contemplavam um recanto com flores, protegido dos ventos do mar pela parede da casa e por um muro construído, provavelmente, para tal fim. Mesmo assim, pensou Roberta, creio ser difícil uma flor de lótus resistir por aqui. E estas pedras? Parecem pedra-pau.

Sentaram num banco com a intenção de admirar o mar, mas ele refletia muita luz. Roberta percebeu Professor jogar uma pedra de encontro a uma rocha. Som de sino?!

- Experimente você – sugeriu ele. – Uma pedra jogada já me deixa cansado.

Experimentou. Som de sino!

Professor e Roberta, calados, com olhares serenos se observavam.

- Após a morte de um filho... difícil seguir vivendo – Roberta pensou em voz alta.

- Quase impossível... – balbuciou Professor.

- Essa noite, perdi o sono. Fiquei um bom tempo sobre o viaduto. Os carros que passavam embaixo dele... me levavam para longe...

- Saudades?

- Me levavam para longe no tempo...

Em pensamento, Roberta concluiu: “Para o tempo em que uma ou mais vezes na semana ficávamos juntos”.

Após almoçarem em silêncio, em completo silêncio, decidiram andar. Desceram a passos lentos, muito lentos, o caminho que levava ao viaduto. Roberta olhava em volta, buscava alguma imagem para aliviar a sensação de angústia que começava a atormentar.

As árvores que subiam a montanha lhe salvaram: bem pintadas de verde, pareceram, naquele momento, alegres ao seu olhar a ponto de parar para fitá-las.

Quando alcançaram o viaduto, debruçou-se no parapeito. Algo naquele velho professor a atraía. Um afeto que não sabia definir. Um pai que queria ter tido? Um avô? Um amigo íntimo? Alguém que a tirasse daquela sensação de solidão existencial comum a quem reflete e percebe o quanto a vida é uma aventura única, solitária e breve? A angústia deve ter vindo, deduziu, por alguma percepção

inconsciente de que sua vida não será passada junto ao Professor.

Mesmo sob o ruído intermitente dos motores que cruzavam embaixo do viaduto, Roberta conseguia se concentrar no Professor e em seu silêncio.

Subiram lentamente o caminho em direção à casa.

Sentada numa pedra junto ao abismo, Roberta olhava fixamente para além do horizonte do mar. Por vezes, cabeceava de sono... o oceano se transmudava em luz, apenas luz.

- O dia está bom de descer pelas pedras e de sentir a força das ondas vindo de encontro às rochas – assegurou Professor.

Dia claro. Roberta encantou-se com a vista. Mar azul. Nenhum barco no horizonte. As ondas estavam pequenas, mesmo assim havia alguma arrebentação lá embaixo, o que fazia o branco das espumas contrastar com o escuro das rochas. Um espetáculo!

- Cuidado com esta pedra! Difícil foi subir com o corpo. Tentamos levá-lo a muque. Não deu, tivemos de puxá-lo com cordas.

Roberta viu a cruz: ora aparecia inteira, ora desaparecia parcialmente sob as ondas. Completaram a descida.

Professor respirava com dificuldade. O dia estava muito claro, tudo tinha muita cor, mas ali embaixo, próximo da cruz, Roberta enxergou as pedras muito pretas e sentiu frio.

- Fixei-a em dia de maré baixa. Aliás, quando ele morreu a maré estava bem mais baixa. Ficou exposto ao sol... Fixei a cruz sozinho.

- Depressão pela esquizofrenia? – perguntou Roberta.

- Acho que percebeu as perdas irre recuperáveis... nunca mais teria namorada, trabalho regular, criatividade... perdeu a esperança, se jogou.

- Sem esperança...- suspirou Roberta.

- Sempre temi por Pièrre. Mas quando aconteceu fiquei surpreso como se não soubesse do risco que corria.

Professor apontou para uma pedra um pouco saliente.

- Pièrre ficou exatamente aqui. Estirado, quase sentado. Braços largamente abertos. Rosto voltado para o céu. O tempo todo permaneceu fora da água e veja que só o encontrei na madrugada da segunda noite.

- Segunda noite?! – espantou-se Roberta.

- Já fugira de casa algumas vezes. Depois, retornava. Achei que era mais uma... Mas naquela noite, um pesadelo me fez pular da cama. Desnecessariamente trouxe a lanterna. O luar iluminava seu rosto.

- Havia estrelas? – perguntou Roberta.
 - Havia.
 - Pierre gostava das estrelas?
 - Assim como eu. Algumas vezes, nós as admirávamos juntos.
 - Em qual dessas pedras descansava sua cabeça?
 - Nesta pedra. Não parece um travesseiro?
 - Parece sim.
 - Seu corpo estava intacto, como se fosse um náufrago cansado, recuperando-se das braçadas.
 - Que choque você teve! – compadeceu-se Roberta.
 - Consegui fixar essa cruz sozinho.
 - Como conseguiu?
 - Usei uma britadeira. Enterrei fundo. Bastante cimento. Hoje, cansado como ando, não conseguiria. Cuidado! Você vai bater nas pedras! – gritou Professor em direção a um barco que se aproximava.
 - Afaste-se! Existem pedras encobertas! – gritou Roberta tentando ajudar.
- O barco se afastou. Roberta deu uma última olhada na cruz. Começaram a subir. Quase no alto, assustou-se com o cansaço do Professor.

Entraram na casa, sentaram nos sofás da sala. Roberta esperou Professor recuperar o fôlego e só então comentou.

- Professor... a descida, a cruz, senti muita tristeza.

– Pièrre permaneceu por duas noites com o rosto voltado para as estrelas. Me fez bem... isso me fez bem...

Professor com a palma da mão acariciou a testa de Roberta e se retirou para o quarto.

Dele permaneceu um perfume suave.

No lusco-fusco do fim de tarde, Roberta caminhou em volta da casa. Viu o mar sumir com o escurecer e deixar como vestígio de sua existência o ruído duro e repetitivo do bater das ondas nas pedras do abismo.

Naquela noite, custou-lhe dormir. De madrugada, acordou com um sonho ruim: pregava um prego na parede para dependurar um quadro e, após uma batida um pouco mais forte, a parede começou a desabar.

Vestiu o chambre e foi até a sala do piano. Escorada no vidro da grande janela que dava para o abismo, viu no horizonte do mar uma luz solitária e titubeante.

O prego é o instrumento que descobre o ponto vulnerável de uma parede, concluiu. Na sua infância, havia uma brincadeira que revelava a fragilidade de Roberta: a da cadeira de menos. “Quando a música parava, a gente que

rodava em torno das cadeiras sentava-se na primeira que encontrasse. Uma boba, em pé, sobrando, riram de mim. Não era só cadeira que eu não tinha... era família”. Uma lágrima umedeceu o vidro da grande janela.

No horizonte do mar, ainda se via uma luz titubeante. Roberta esfregou as pálpebras com os dedos e deitou no sofá.

Um trinado longo a fez acordar. Escutou um pio e mais um trinado longo. Rouxinol? Entristeceu-se ao imaginar um pássaro voando solitário por sobre o abismo.

Sentou no banquinho do piano e começou a movimentar as teclas com os dedos e com os olhos. Depois, escorou o corpo no piano, deitou o rosto sobre ele, fechou os olhos. De vez em quando, acionava uma tecla. Quando o fazia com vigor, sentia um leve tremor na face em contato com a madeira, uma suave, gostosa massagem.

Cedo da manhã, saiu da casa levando sua pequena bagagem. Deveria ir assim... sem se despedir?

Pegou uma pedra e jogou contra a rocha. Som de sino! Jogou outra e errou. Com os olhos daquele jeito... se enchendo de lágrimas... não iria mais acertar. A despedida estava feita.

Atravessou o viaduto levando consigo os olhos úmidos e a certeza: um som de sino a acompanhará para sempre.

JOSÉ EUGÊNIO BORGES DE ALMEIDA

Maragogi - AL

Tem mais de 50 prêmios literários, com destaque para: Vencedor do prêmio Talentos da Maturidade 2011, Medalha de prata em romance UBE-RJ 2013, Finalista em romance do Prêmio SESC 2014, Publicou “Uma Luz no Fundo do Túnel” (romance juvenil), Vencedor Prêmios Literários Cidade de Manaus 2014, Menção honrosa no III Concurso Literário de Pernambuco 2015. Vencedor categoria livro de crônicas Premio Dalcídio Jurandir 2015.

Título premiado: Escombros

Conheça mais obras do autor:

joseeugenioborges@gmail.com

ESCOMBROS

Frequentemente as vozes das coisas, entravam nos meus ouvidos, baralhando o meu discernimento, num

- Você não comeu tudo

E eu a jogar o resto fora, antes que,

- Não comeu tudo

O bibelô (há quem ache que biscuit), duma dama do século XVI, assim toda francesa com um leque na mão e com um quebradinho no dedo mindinho,

-Coma tudo

Depois vinha a minha mãe com uns comprimidos de apagar as vozes, mas elas só se acalmavam e às vezes falavam só mexendo os lábios que não tinham e o som a desaparecer dos meus ouvidos,

- Coma

Os flashes das imagens acumuladas do complexo da maré, batiam nos meus olhos, os tiros, os gritos e os corpos ensanguentados, todos alinhados no chão da rua e os fotógrafos com flashes e mais flashes. Os policiais da Unidade de Polícia Pacificadora, expunham os corpos,

como troféus de guerra. Algumas moscas varejeiras, começaram a pousar nos corpos, logo nos primeiros raios de sol, com seus zumbidos irritantes e iam deixando seus amarelados ovos nos buracos abertos pelas balas assassinas. O Joãozinho, meu amigo de seis anos, jazia estendido ao lado do Manuel Gordo do bar da esquina, tinha um sorriso na boca que mais parecia um esgar de dor. Os gritos de todos que sobraram vivos a chorarem os seus mortos em gritos de mães carpidadeiras, iam enchendo o ar de tristeza e pavor. E a minha mãe,

- Vai para dentro, Zezinho e feche a porta.

Como não me disse para fechar a janela, continuei agarrado ao sorriso do Joãozinho, que tinha os olhos abertos olhando fixamente para o céu, parecendo que se comunicava com as nuvens pretas que anunciavam chuva.

- Para dentro, feche a porta.

As lembranças traziam coisas agarradas, que eu não conseguia identificar. Quando as coisas começaram a ganhar voz dentro de mim, achei que eram para me fazer companhia, mas não, só atormentam com ordens e mais ordens, que se não cumpro, gritam e às vezes zangam-se e repetem, vezes sem conta os mandos. E a minha mãe,

- Toma um comprimido, Zezinho.

No complexo da maré, eu ajudei a lavar o chão com baldes de água sanitária, esfregava e esfregava, até sair o sangue agarrado no chão, que se ia esmaecendo, ficando pálido e por fim desaparecendo. Ficou assim um cheiro a sangue lavado, desinfetado de dores.

No lugar onde o Joãozinho esteve deitado, só um fio comprido de sangue, que correu pela ladeira abaixo, contornou uma esquina e fez uma pequena poça no fim. Com um pauzinho, tirei a pocinha de sangue coagulado e guardei no bolso das calças. E minha mãe,

- Que porcaria Zezinho, joga isso fora!

E a meter a mão no meu bolso, retirando o pedaço do Joãozinho, jogando longe. Nunca a perdoei por isso.

Fiquei com o hábito de me sentar onde estava o corpo do Joãozinho, e mantinha longas conversas com ele, mas ele nunca me respondeu. Só as vozes das coisas me falavam, assim, um graveto, uma tampinha de garrafa de cerveja e coisas que tais. As sombras quando se moviam de lugar, iluminavam coisas escondidas, que às vezes adquiriam brilho próprio, que formavam figuras esquisitas, que se moviam acompanhando sons do ambiente, num bailado, por vezes, bonito. Gostava mais das imagens dançantes do que a voz das coisas, pois elas não me davam ordens.

No lugar do Joãozinho morto, implantaram um banco de praça, assim de cimento, que esquentava tanto com o sol, que ninguém conseguia se sentar, acho que só para me tirar dali e todas as vezes que eu me aproximava, o banco,

- Vai embora Zezinho, o Joãozinho morreu.

Só então associei o sangue e a morte.

Outras memórias foram ficando obsoletas e traziam o cheiro da desistência. Os comprimidos faziam esquecer a própria vida das coisas, apagavam tudo, como a água sanitária, que lavou o resto de vida dos mortos.

Os cheiros vinham em inconstâncias, mas vinham carregados com lembranças distorcidas, misturados com os sons das coisas e as imagens, que por vezes nebulosas, nada esclareciam, de modo que eu,

- Toma um comprimido.

fazia de conta que o Joãozinho ainda corria pelo complexo da maré, com aquele sorriso branco em boca preta.

- Vá lá, um comprimido!

E de novo as vozes e as lembranças a ficarem esmaecidas e todo o meu ser oco de tudo. Eu assim leve, abobalhado, esfrangalhado (engraçado dizer esfrangalhado, parece frango desfeito e com cheiro de penas molhadas, justo aquele cheiro que dá vômitos).

Nas forças desfeitas, os corpos pelo chão, alinhados como troféus de guerra, jaziam num silêncio inocente, como crianças quando dormem. O Joãozinho me deixou um buraco no peito, daqueles que nunca cicatrizam, mas que ligam as vozes às coisas.

A mãe dele, sentou-se ao lado do seu corpo, repetindo a quem passasse, um

- Foi uma bala perdida.

Mas perdida estava a razão dela, com o olhar percorrendo todas as figuras, sem se fixar em nenhuma, num

- Bala perdida.

e depois, tirou os chinelos do filho e começou a massajar os seus pés. Balançava o seu corpo, para trás e para frente, como quem nina uma criança insone e balbuciava o boi da cara preta – que tem medo de careta, adormecendo para sempre o seu Joãozinho. Não tocou no buraco de bala na cabeça do filho. Acho que fazia de conta que não o via,

- Bala perdida.

Veio uma mulher de bata branca e a convenceu a ir-se embora com ela. E ela como um autômato e olhar espantado, deixou-se levar para longe do Joãozinho sem nenhuma resistência e sem olhar para trás.

Agora perdido em espirais do tempo, já não me lembro da minha vida anterior, aquela, antes da mortandade, em que as coisas não falavam. A brutalidade foi tal, que me levou de vez, para mundos de vozes e de imagens desconexas.

Do Joãozinho, esqueci das nossas brincadeiras, onde chapinhávamos nos esgotos a céu aberto, nos jogos que fazíamos e que não me lembro dos nomes. Só o sorriso de esgar ficou agarrado nas minhas retinas, misturado com moscas e policiais armados até aos dentes.

LEANDRO LUIZ

São Paulo - SP

Tem 34 anos, é publicitário, redator e escritor. É autor do livro Hora da Escrita, baseado no seu blog. Algumas das suas obras obteve o reconhecimento de importantes prêmios literários nacionais e internacionais.

Título premiado: Erra uma vez

Conheça mais obras do autor: leandro.l Luiz@rocketmail.com

ERRA UMA VEZ.

Em um livro cheio de histórias, uma jovem entra em desespero:

- Chega! Lobo, eu preciso falar com você! – grita a moça.

Depois de um breve silêncio, ela esbraveja:

- Vamos! Saia agora!

- Chapeuzinho... É você, meu docinho? – diz Lobo, seu antigo amigo daquela região.

O olhar da moça era aterrorizador.

- Quem mais seria? Acorda pra vida, meu!

- Mas, mas... o que a linda moça deseja? Você vai levar uma cesta de doces para a....

- Oh peludão! Você não acha que tudo isso já encheu?

- Não estou entendendo! – retruca Lobo.

- Eu quero mudar a página das nossas vidas, entendeu? VIDA! - a ira de Chapeuzinho podia ser escutada a capítulos de distância. Sem hesitar, ela continua:

- É sempre a mesma coisa! Não aguento essa monotonia.... Precisamos sair daqui!

- Calma, Chapeuzinho. Calma!

- Veja só a minha roupa! Eu odeio vermelho! Eu quero sair, conhecer novos lugares, desbravar o mundo!

- Não sei... - diz o Lobo com receio.

- Medo? Pare com isso! Você vai comigo e pronto. Não posso ir sozinha! Vamos!

Apesar do medo, o Lobo é forçado a ir com a bela moça em busca de novas aventuras. Os dois correm incansavelmente passando por linhas, capítulos e títulos que escondem porquinhos, bruxas, fadas e, até mesmo, um gigante.

- Chapeu..... Chapeuzinho! Não aguento mais! – diz o Lobo ofegante.

- Vamos! Você tem que vir comigo! – incentiva Chapeuzinho.

- Não! Eu não tenho mais idade pra isso. Nem sei por que eu vim! Não devia ter vindo!

- Seu ingrato! – grita Chapeuzinho.

- Ingrato? Você é louca! Nem sei onde estou! Eu vou voltar e mudar toda a história que você abandonou! Você que é a ingrata desse livro.

- Faça o que quiser! Vai lá, seu peludo maldoso sem coração! Volte para aquele conto sem graça.

- Vou mesmo! E digo mais: essa sua brincadeira não vai dar em nada!

Chapeuzinho fica arrasada. Seria duro seguir sem o seu fiel companheiro, mas ela continua firme com o seu objetivo: de começar uma nova história. Ela corre e some entre as muitas páginas à frente.

Lobo, totalmente perdido, procura o caminho de volta quando é surpreendido.

- Para aonde está indo, cachorrinho? – diz um homem alto, com roupas de couro e com uma arma nas mãos.

- Hã? Mas... Quem é você? – pergunta o Lobo assustado.

- Meu nome é Jack!

- Jack? Jack, Jack... Desculpe-me, mas nunca ouvi falar de você.

- Pelo visto você andou demais! – diz Jack em tom irônico.

- Sim, e muito! E eu exijo saber onde estou!

- Não se afobe! Você apenas está na minha história, ué!

- Disso eu sei, espertão! Mas qual é a história, hein?

- Jack, o Caçador de Lobos.

LEANDRO NORONHA DA FONSECA

São Paulo – SP

É formado em Comunicação Social com ênfase em Jornalismo. Tem um conto policial publicado na antologia "Assassinos S/A" pela editora carioca Multifoco. Publicou dois contos na antologia "Marginal: contos da periferia", organizada pela poeta Adriana Kairos. Seu texto "Promessas Vãs de uma Rainha" conquistou a primeira colocação na categoria "Poesia" do 4º Prêmio Literário Sérgio Farina.

Título premiado: Dois tigres tristes

Conheça mais obras do autor: dii_lugh@yahoo.com.br

DOIS TIGRES TRISTES

Primeiro prato de trigo:

Poderia te dizer: fica. No entanto, o abandono me parece hoje aprazível. Não esse abandono pejorativo que as pessoas comuns tanto temem. Falo de um abandono deliberado que nos põe de encontro com o silêncio da alma. Não quero soar melancólica, mas é que o vinho me deixa um tanto cinzenta, tão cinzenta quanto essa cidade que me devora desde quando me abrigava no ventre de minha mãe. Por isso peço: primeiro me ouça, depois decida a hora da partida.

Prometi te amar mesmo que isso me custasse a solidão. Por isso não me dói tanto a fatídica notícia que recebi hoje de manhã. Confesso que há tempos sinto um paulatino distanciamento entre nossas vidas. Nossos corpos, outrora tão grudados, já não se suportavam mais até mesmo nas silenciosas trepadas. Seu pau entrava em meu corpo, mas seu espírito não. E do que adianta entrar um e não o outro? Se fosse pelo simples ato do gozar, minhas mãos, agora trêmulas, cumpririam com maestria tal missão. É

também pelo corpo que se atinge a alma, Paulo. Nunca tivemos religião para preencher nossos vazios, nem orações para nos trazer esperança.

Para você, já fui mais do que um adorno do cotidiano. Disso, não tenho dúvidas. Dez anos foram suficientemente longos para fazerem durar qualquer boa intenção de continuar tentando. Tentando o que? Tentando mascarar as boas aparências para a sua família? Isso seria insuportável para você, que nunca compactuou com as obrigações, principalmente as forçadas. Qualquer ordem, mesmo a mais educada, é motivo para te trazer desconforto. Como bom aquariano, sempre foi inimigo das amarras. Hoje, sei, procura a liberdade, esse passarinho que se cansou do conforto da gaiola.

Pensar nessa sua decisão me colocou diante de um espelho onde me vi como há muito tempo eu não me via. Uma década de dedicação a você fizeram com que eu me esquecesse de mim. Por isso, antes de continuar minhas lamúrias, antes de continuar te jogando na face um punhado de verdades, te agradeço por apontar o caminho de volta a mim.

Porém, também não quero abraços de despedidas. E, se possível, não arraste os olhos pelo meu rosto com a pena

de quem errou. Se o fizer, me olhe como quem tomou uma decisão. Seja homem para arcar com elas até mesmo na hora da separação. A vida ainda segue sem turbulências para um homem com seus trinta e poucos anos – mês que vem você faz trinta e cinco? Para uma mulher à beira dos cinquenta, talvez a situação não seja a mesma. O conforto da nossa casa é o que me resta. Portanto, deixa-a comigo, apenas comigo, levando consigo todo e qualquer objeto que te pertença. Não quero negar a sua existência, já que as memórias e sentimentos dentro de mim tornam isso impossível. Quero evitá-la, sim. Negar-te, homem, seria desonroso.

Perigar o suicídio, meu bem, não seja tão prepotente em pensar nisso. Mesmo que a solidão me pese, a vontade de viver é aço que carrego nas costas. Essa vontade nem você, nem ninguém, tirará de mim.

Portanto, mesmo que doa, e sei que vai doer, me responda: vai ou fica?

Segundo prato de trigo:

Tento te ver cinzenta ao fechar os olhos, mas não consigo. Só há luz. Luz em sua imagem e nesse sentimento

que você denominou de abandono. Você mente quando fala do abandono como algo tão tranquilamente aceitável. O que você chama de abandono, eu chamo de escolha. E talvez não seja o vinho, mas sua capacidade natural de ser melancólica. Você já nasceu assim, Teresa.

Tantas palavras para construir uma hipótese do que motivou minha decisão são desnecessárias para reverter tudo isso. Mas podem ser necessárias como válvulas de escape para diminuir essa dor que, mesmo que você negue, eu sei que você sente. Há anos também me dediquei a você. É mentira quando diz o contrário. A forma com que senti nossas ligações, sejam elas físicas ou mentais, é só minha e de mais ninguém. Junto com meu pau também colocava meu espírito em seu corpo. E mais: colocava minhas incertezas de estar te fazendo uma pessoa feliz. Agora, sei que nunca te fiz feliz. E tentativas sempre existiram, acredite. Não, não te peço para acreditar, pois isso é apenas uma decisão sua. O que tenho, apenas, são minhas palavras que, agora sei, não te servem para nada.

Tatei seu corpo feito um arqueólogo que procura nas profundezas da terra os resquícios da existência de uma civilização antiga ou, quem sabe, de uma espécie primitiva. Há dez anos procurei em você, Teresa, algo que nunca

achei, algo que não sei o que é. Foi no ventre de sua mãe que a cidade começou a te devorar, e foi no ventre da minha que eu, quem sabe, esqueci essa coisa que procuro e nunca acho.

Também acredito que, para você, já fui mais do que um adorno do cotidiano. Já te senti mais viva não apenas em meus braços, mas também em minha rotina, nas suas ligações repentinas que me clareavam dias nebulosos, nos e-mails longamente apaixonados, e até mesmo nos silêncios diante da televisão em domingos tediosos. E não culpe a astrologia por meu mal de infância. Você sabe, mais do que ninguém, que fui criado para não criar laços. E, se os crio, os afrouxo até desatarem. Desato laços antes que eles me enforcem, como você passou a fazer transformando a cumplicidade em desespero.

Trinta e poucos anos não são motivos para mais ou menos dor. Saiba que a sua angústia de mulher madura é, se não a mesma, similar a que sinto quando paro para pensar na vida. Vida, esta, que não tem mais sentido em empurrar como um saco de cimento. Me recuso, mulher, a continuar empurrando nossos dias como um objeto pesado. Não quero e não posso, me entenda. E falando de objetos, tenha a plena certeza de que pouparei você de me sentir por perto,

seja encontrando em algum canto da gaveta uma cueca surrada, seja nos meus discos de bolero que você um dia quis queimar. E não, mês que vem faço trinta e seis.

Talvez o suicídio caiba mais a mim do que a você. E não digo desse suicídio de cortar os pulsos ou de me enforcar entre as roupas do varal. É de um suicídio invisível que se estenderá por todos os dias da minha vida, até que um dia eu não respire mais. Viver sem saber porquê se vive é também se matar um pouquinho todos os dias.

Tem, então, minha resposta: vou me matar sem você por perto.

Terceiro prato de trigo:

Paulo fitava a porta com vontade de sair por ela sem nem ao menos fechá-la. Teresa, com as mãos trêmulas, tamborilava com a ponta dos dedos uma música qualquer, na vontade de demonstrar uma falsa tranquilidade. Entre eles, uma garoa incessante que se derramava do lado de fora da casa, umedecendo uma cidade que nunca lhes pertencera.

Teresa sorveu um último gole de vinho e levemente amortecida se serviu de mais uma dose. Paulo olhou a cena

decidido. Não esperaria mais um minuto sequer. No entanto, nada fez. Permaneceu sentado na poltrona como se fosse parte do móvel, contemplando silenciosamente a mulher que continuava a beber.

Paulo, então, viu Teresa se erguer abruptamente com a taça de vinho em mãos e cambalear até a janela. A mulher afastou as cortinas e colou a testa no vidro gelado, sentindo o ar que saía de sua boca esquentar a cada gole dado. Foi então que ouviu Paulo se erguer da poltrona e girar a maçaneta da porta.

Ela não teve coragem de se desgrudar da janela. Ouviu a porta bater com força. Por entre os arbustos viu Paulo caminhar devagar, não se importando com a chuva que caía sobre si. Ele vacilou por alguns instantes antes de abrir o portão. Teresa teve certeza, por alguns segundos, de que ele fosse olhar para trás. Mas não olhou.

LILIAN CONDEIXA

Niterói-RJ

É graduada em Letras Português-Literaturas pela UFF, fez extensão em Mercado Editorial e Transmídia, na PUC-Rio, além de uma série de oficinas e cursos literários. Publicou sete livros pela Editora Reader's Digest (Seleções), sendo seis infanto-juvenis. Possui contos publicados na Amazon e publica gratuitamente crônicas na plataforma Wattpad, contando com mais de catorze mil leituras.

Título premiado: As magas da escola

Conheça mais obras da autora: liliancondeixa@gmail.com

AS MAGAS DA ESCOLA

Na Escola Municipal Santa Maria da Caréstia, todos sentiram a diminuição na verba da Educação de diversos lados. Nos corredores, as vozes mais ouvidas eram as dos estudantes e dos professores. As conversas carregavam mil reclamações legítimas, algumas palavras feias entredentes e, vez ou outra, uma ideia revolucionária que cambaleava entre o perfeitamente sensato e o absurdamente sem sentido, dependendo de quem dissesse. Longe de todas as salas - tanto as de aula quanto a dos professores, a dos orientadores pedagógicos, a dos funcionários da limpeza, a da secretaria e a dos diretores -, quase escondidas, outras vozes menos ouvidas, mas muito afetadas pela crise da verba, conversavam sem parar de trabalhar. Eram as vozes das merendeiras.

- Olha que beleza! – exclama Lourdinha. Os olhos da merendeira mais nova do grupo brilharam ao ver a quantidade de caixas de ovos. - O recebimento veio tão abastado. Deve ser sinal de que as coisas vão melhorar. Quantos ovos têm?

- Mil e duzentos. – responde Berê, cortando cebolas.

- Ah, mas não seja pateta, Lourdes Maria! – ralha Dona Bilba, a mais antiga das merendeiras. – São pra durar os cinco dias da semana. Agora faça as contas se isso lá é abastança!

- 1200 divididos por cinco dá... – Lourdinha tenta fazer a conta de cabeça, os dedos ajudam na matemática e alguns segundos depois ela tem a resposta. – 240 ovos por dia.

- Agora se você dividir isso pela soma dos 400 alunos e dos 40 professores e de todos os outros funcionários da escola o resultado vai ser...

- Menos de meio ovo por pessoa. – responde Lourdinha antes de Dona Bilba terminar a frase. A novata faz um muxoxo e depois levanta uma pergunta com um tom preocupado na voz. – Mas então como é que a gente vai fazer? Vai dobrar o arroz e o feijão?

- E por acaso você viu mais sacos de arroz e feijão essa semana do que semana passada e mês passado e o anterior?

- Não.

- Então, a resposta é não. Faremos o mesmo: duas colheres de arroz pra cada um e uma concha de feijão.

- Mas tem ficado tão aguado o feijão... – diz Lourdinha, pensando nas bolinhas pretas nadando meio tristonhas no caldo, que mais tem parecido uma sopa sujinha.

- O importante é que o ferro tá todo ali pra fortificar as crianças. Além disso, hoje a Berê fez a gentileza de trazer do quintal dela muitas folhas de louro, cebolinha, salsinha e... Louro! Vai ter muito, muito, louro nesse feijão, vai ficar uma beleza! Palmas pra Berê!

Todas batem palmas. Incluindo a Zezé, que costuma ficar muda e ouvindo música, mas está sempre escutando a conversa.

- E tem mais! Vocês nem vão acreditar. – declara Dona Bilba. - Berê matou a Zuleica. Que Deus a tenha. Zuleica deu uma ótima canja no domingo lá na casa da Berê. Eu sei porque eu estava lá e realmente ficou uma maravilha. Enfim, Berê, muito generosa, separou a moela, o pescoço e os pés pra gente dar um gosto a mais nesse feijão. Por favor, mais palmas pra Berê. –

Dona Bilba puxa as palmas. Zezé interrompe o corte da cebola por uns segundos para acompanhar a vibração das amigas.

- Ah, mas pescoço, pé e moela são ruins. – Lourdinha faz careta.

- Que isso, Lourdes Maria! – repreende Dona Bilba. – Você tem muito que aprender! Vida de merendeira não é igual a vida de cozinheira não, a gente aqui é maga. Não pode

escolher muito os ingredientes, mas com tudo o que temos, fazemos maguices e fica uma delícia! Aliás, sabe o dia que você mais elogiou o feijão, uma semana depois que chegou aqui?

- Não vai me dizer que tinha pescoço, pé ou moela? – Lourdinha retorce a boca.

- Não, aquelas carninhas que você confundiu com carne seca, pertenceram ao fígado de um coelho idoso do quintal da Berê.

- Até a diretora veio aqui elogiar o feijão aquele dia... – relembra Berê, envaidecida.

- Uiii! Fígado de coelho velho!? Como vocês me deixaram comer isso? - Lourdinha leva a mão ao estômago como se estivesse passando mal.

- Deixa de ser fresca, Lourdes! O segredo é limpar tudo muito bem e deixar descansando um bom tempo nos temperos. Por isso, vivo implicando com essa sua mão aí!

- Mas eu já lavei!

- Lava de novo! E começa a fazer alguma coisa de útil. – Dona Bilba aponta para o chuchu.

Lourdinha se apressa para ensaboar as mãos, pensando em cada passo, sem esquecer-se de esfregar entre os dedos, as

costas das mãos e subir até a metade do antebraço. Dona Bilba acompanha tudo com o rabo de olho.

- Mas e o que fazemos sobre os ovos, se não tem pra todo mundo? – pergunta Lourdinha.

- Omelete. – responde Dona Bilba. – Com cebola, milho e chuchu.

- Chuchu!?! Mas vai ficar bom?

- Claro! – garante Dona Bilba. – Vai fazer a omelete crescer.

- Ia ficar bom mesmo era com presuntinho e queijo.

- Volta pra Terra, Lourdes Maria! – Dona Bilba dá uma cotovelada leve no braço da novata. – Nós vamos colocar sabor nessa omelete com orégano e os tomate-cereja do quintal da Berê. Vai ficar ótimo!

Berê levanta as bochechas rechonchudas, sorrindo. Lourdinha dá uma bisbilhotada na sacola amarela da colega-maga.

- Puxa... Tanta coisa hein, Berê! Até uns saquinhos de chá. A gente bem podia tomar um chá agora. – Lourdinha remexe na sacola de Berê.

- Melhor você não mexer nos chás, vai que você pega o chá errado. – diz Berê e tira com delicadeza a mão de Lourdinha de perto da sacola amarela. – Tem chá que pode

curar ou até provocar dor de barriga, dependendo de como a gente faz. – Berê dá uma piscadinha e depois olha para um sachê em especial, artesanalmente feito por ela, com a ponta azul.

- Óh, Lourdes! Deixa de fuxico nas coisas dos outros e volte a trabalhar! – ordena Dona Bilba.

- Mas chuchu... – murmura Lourdinha. - Se o Seu César não tivesse consertado o ar condicionado da sala dele, agora a gente teria mais ovos e até um presuntinho...

- Mas vê agora Berê essa menina culpando o diretor porque não mandam verba pra merenda da escola. – diz Dona Bilba. - Ôh, Lourdes Maria, essa enrolação é coisa de gente muito acima do diretor.

- É, mas se ele usasse o dinheiro do conserto do ar pra comprar mais ovos, ou melhor, um presunto?

- A sua solução é presunto para uma semana e o homem trabalhar no calor, Lourdes?

- O culpado é prefeito. – afirma Berê. – Andou roubando a gente e agora não dá o dinheiro que a escola precisa.

- Não tem chuchu e cebola suficiente pras duas descascarem, não? Não vou ficar aqui ouvindo lamentação de ninguém! Quero ouvir solução! Onde está a ideia do que

vamos fazer com a casca do chuchu? Nada vai pro lixo não, porque não aceito!

Por uns minutos só se ouviu o som das facas deslizando nos legumes. As cascas iam se acumulando nas bancadas.

- Eu li na internet uma nutricionista dizer que é possível colocar casca de legume no forno que fica crocante igual batata frita. Mas nunca testei. – diz Lourdinha

- Perfeito! – exclama Dona Bilba. – Vamos testar. Depois você pesquisa se conserva os nutrientes. Não custa a gente saber essas coisas.

- A gente podia pensar em alguma coisa para fazer com a água também, né? Poxa, todo mundo só bebe água há um tempão. Nem um suquinho ralo tem. – diz Lourdinha.

- A Berê trouxe camomila e folhas de capim cidreira do quintal dela, então vamos fazer um chá. Colocamos as jarras na geladeira e aí vai parecer um suco geladinho. – explica Dona Bilba. – E pra ajudar os professores, vamos servir camomila para as turmas mais agitadas. Palmas pra Berê, gente!

Todas batem palmas.

- Dessa ideia eu gostei muito – diz Lourdinha.

- Mas não posso garantir trazer todo dia. – diz Berê, lamentando.

- Mas quem sabe as coisas melhorem. Hoje o prefeito vem visitar a escola.

- Eu sei. – diz Berê, unindo as sobrancelhas. – Vai ser igual ano passado. Ele vai tirar fotos para ver se melhora a imagem dele, ainda mais agora que saiu o escândalo no jornal, que ele está roubando a gente.

- Não vamos falar mais sobre isso. – pede Dona Bilba.

As merendeiras passam algum tempo trabalhando em silêncio. Depois de fazer o chá de camomila e cidreira e colocar pra gelar, Berê

mexe na sacola das coisas que trouxe do seu quintal. Ela levanta um sachê artesanal de ponta azul e dá um cheiro, apenas de leve, torcendo o nariz e põe de volta na sacola.

- O que era isso? – pergunta Lourdinha. – É para o chá do lanche?

- Não, não, não. Esse chá tem um efeito especial. É para o chá do prefeito.

- Mas esse quintal hein...

- Você nem sabe... – Berê dá uma piscadinha.

MARCELA MELLO

Aparecida de Goiânia – GO

É uma autora com poucos anos de escrita, porém dotada de um profissionalismo crescente. Essa, certamente, é a opinião de leitores e críticos literários espalhados pelo país. Filha de mãe Goiana e pai Pernambucano, a paulista, residente em Goiás, escreve livros fictícios tendo o Suspense Policial como gênero predominante, porém está apta para criar histórias em categorias diferentes. Começou a escrever poesias na adolescência como uma forma de passar o tempo e desenterrar talentos que suspeitava ter além da música. Apaixonada por livros (e pelo cheiro deles), ela procura prender e cativar seus leitores com o aprendizado que teve durante tantos anos de leitura, dos livros clássicos aos contemporâneos.

Título premiado: Justiça

Conheça mais obras da autora: celinha08net@hotmail.com

JUSTIÇA

- Depressa, Alan!

O choro do menino era irritante, mas Coleen tentava se controlar; não podia perder a paciência novamente. Ligou a lanterna para conseguir enxergar o caminho e não tropeçar nos inúmeros arbustos espalhados pelo terreno. Poucos metros adiante encontrou o local ideal.

- Fiquem aqui.

Jennifer fungou, e o menino destravou um zumbido maçante que caracterizava seu choro.

- Maldito! Cale essa boca! – Coleen apontou a luz da lanterna para a cara rosada do garoto. Os olhos vermelhos da criança reagiram de imediato à claridade e ele virou o rosto.

Irrequieta, Coleen procurou um cigarro dentro do bolso da calça e soltou um palavrão quando não encontrou. Passou a luz pelo rosto de Jennifer e ficou satisfeita ao ver que ao menos essa parara de chorar.

- Cuide de seu irmão; eu volto logo.

A escuridão tornou a ser dominante, e por pouco não expulsava o brilho lunar. O Mazda 97 azul escuro esperava Coleen no mesmo lugar; ela usou a chave para destrancar o porta-malas e alumiu lá dentro.

- Abra os olhos, Niki. – cantarolou, e depois cerrou os dentes. – Diabo!

Predeu a lanterna no bolso, inclinou-se e enfiou as mãos sob o corpo, trazendo-o para si; pensou em sua sorte por a jovem ser magra, dando a possibilidade de ser transportada com certa facilidade. A cabeça de Nicole Jenkins pendeu fora de seus braços e Coleen deu um sorriso.

- Não pode fazer nada agora, pode?

Andou dois passos e compreendeu que era impossível caminhar sob aquela penumbra. Parcialmente dentro da calça, a lanterna alumia um céu de nuvens carregadas. Espraguejou ao perceber que estava fazendo tudo errado. De novo.

- Alan, Jenny! Venham até aqui!

Ouviu o choro do menino e revirou os olhos. Largou Nicole no capim seco, e voltou a clarear o caminho, passando por cima do corpo inerte da outra. Os dois estavam parados onde ela os deixara, mas agora davam as mãos.

- Vamos! Depressa! E cale a boca, Alan!

Após alguns segundos, a luz foi a primeira a encontrar a jovem Jenkins no chão coberto de gotículas de chuva. O sangue vindo de sua têmpora já havia coagulado sob o queixo, formando uma barbicha incomum, e as pálpebras estavam escancaradas.

- Alan, fique com a lanterna, e Jenny pegue a pá no portamalas.

A garotinha de oito anos obedeceu prontamente; Alan, de cinco, relutou em pegar o objeto e recebeu um belisco no braço. Como resposta, ele abriu a boca. Coleen apontou o dedo para seu rosto.

- Se não fizer silêncio agora, vou te enterrar junto com ela. Está ouvindo?

Em pouquíssimo tempo, o berro de Alan transformou-se em fungadas que reprimiam os soluços; a mulher tomou novamente o corpo e começou a andar, ordenando que o menino iluminasse o caminho, enquanto o peso em seus braços ia aumentando gradativamente conforme o passo que dava. No local, depositou Nicole no chão molhado e pegou a pá das mãos de Jennifer. Começou a cavar o solo duro.

“Vadia.”

A pá teimava em ferir a terra, como se ambas tramassem contra os esforços de Coleen. Valia-se da fraca luz da lua para não atingir o próprio pé, e policiava-se para não diminuir o ritmo. Depois de contáveis minutos, e apesar do clima ameno da madrugada, ela já suava copiosamente. O buraco ainda era raso. Fez uma careta de lástima e cogitou deixar o corpo em uma vala qualquer pela cidade. Não, não podia. Não era louca como aqueles desgraçados diziam. Sabia bem discernir o certo do errado, o lícito do proibido; e mesmo tendo feito a justiça, ninguém entenderia o ato, por isso o ocultava. Eles eram os loucos. Eles!

Voltou a escavar; os braços já doíam e o suor começava a encharcar a blusa. Em pensamento, amaldiçoou tudo, começando pelos acontecimentos daquele péssimo dia e terminando por aquela noite fatigante. Não merecia passar por isso.

“Vadia.”

A culpa toda era da maldita Nicole. Por que filhas de pais ricos se aventurariam como babá se podem ter tudo o que pedirem? Independência, como ela dizia? Ah, mil infernos! É claro que elas têm um motivo maior para aceitar um emprego reles como aquele! Niki tinha. Olhou para o lugar onde o corpo dela se encontrava, mas a escuridão

camuflava-o. Era melhor assim. Detestava ver seus cabelos corridos, seu corpo esbelto e seu sorriso presente sempre que dizia um “bom dia, senhora Ketcher!”. Coleen não odiava antes, quando se mudara para a casa ao lado, porém vê-la agora lhe causava um furor cego.

- Mamãe...

- Depois, Jenny.

- O Alan quer ir ao banheiro.

Coleen riu com sarcasmo, sem parar de cavar.

- Tem moita por todo o lado.

- E ele está com febre.

Silêncio. Muito ao longe podiam avistar a pequena Marshfield esgueirando-se entre prédios e casas comuns.

- Mamãe...

- O que é, Jennifer?! – o grito de Coleen eclodiu o urro de Alan. – Maldição!

- Podemos ir pra casa?

- Não, não podemos! Dá pra fazer esse moleque calar a boca antes que eu faça?

Apressadamente a menina iniciou uma série de frases prontas para tentar acalmar o irmão; aos poucos ele foi cedendo, mas seu zunido amolador ainda era assíduo. O som do metal na terra assemelhava-se ao choque das

marretas em crânios bovinos, no abatedouro. Coleen mediu instintivamente a profundidade da cova e concluiu que era o bastante. A noite impedia que a mãe visse as lágrimas começando a se formar nos cílios inferiores da criança.

Um trovão acima de suas cabeças gritou o alerta da chuva torrencial que viria. Coleen sabia que precisava se apressar; agarrou os dois punhos de Nicole e experimentou arrastá-la para a cova, mas por ter cavado freneticamente o buraco, estava sem a força suficiente. Segurou um dos braços.

- Jenny, me ajude a puxá-la. – o silêncio da menina deu espaço para o murmúrio de Alan. – Jenny. – mais uma vez, ela não obteve resposta. Coleen soltou Nicole e chegou perto da filha. – Está surda? – o choro dela explodiu em seus lábios. – Ah! Mas eu mereço isso!

- Mamãe... – Jennifer enfim falou, entre soluços. – Por que a senhora matou a Niki?

- Você sabe.

- Ela... era legal.

- Não, não era. E você sabe muito bem disso, Jennifer. – ela começava a ficar sem paciência – Quantas vezes vou ter que explicar que o que ela fazia era nojento, abominável?

- Ela não fez na...

- Eu sei o que eu vi! Não venham tentar defendê-la; eu sei o que eu vi. Agora me ajude a colocá-la no buraco. Anda!

- A gente devia contar pra polícia...

Coleen soltou uma gargalhada irônica, e por dentro estava fervendo de cólera. A lanterna na mão da menina clareava nada em específico.

- Qual parte? A que ela colocava vocês no colo e tirava suas roupas, ou a que se trancava no quarto de hóspedes, completamente nua e obrigava vocês a tocá-la?

- Mas, mamãe... Ela nunca fez isso...

- Eu sei o que eu vi, diabo! – a mulher bradou. – Se gostavam, pelo menos tenham a coragem de confessar, seus vermes! – apontou para o cadáver – Eu a confrontei; ela se fez de inocente, mas sorria com aqueles malditos dentes perfeitos, como se dissesse: “Você nunca vai poder provar nada, senhora Ketcher”. Vadia! Sabe, eu tenho certeza de que vocês não são as primeiras crianças que essa pedófila do inferno abusou. Ela mesma confessou que foi babá em outras casas. Ha, ha! Só que eu acabei com a festa dela; só precisei usar uma vez o rolo de pão para que a justiça fosse feita. Ela não vai se aproveitar de mais nenhuma criança.

- Mãe...

- Agora cale a porcaria dessa boca e me ajude aqui.

Hesitantemente, Jennifer entregou a lanterna para o irmão e auxiliou no deslocamento do corpo, arrastando-o até a cova que o recebeu com um ruído seco. Irritada, Coleen começou a jogar a terra sobre o corpo de Nicole Jenkins, desregradamente. A pá pesava em suas mãos e as poucas forças só ficavam debaixo de chantagens. Ondas sonoras conhecidas propagaram-se pelo ar e alcançaram os ouvidos de Coleen ao aumentar os decibéis. Alan, de novo. Esgotada, ela parou o ato e chegou perto do menino em poucos passos. Tomou a lanterna das mãos dele e fustigou seus olhos com a luz.

- É a última vez que te mando calar a boca. – Descendo a luminosidade, ela notou que ele urinara nas calças e cerrou a mandíbula. – Moleque idiota. Vai lavar a própria roupa quando chegarmos em casa.

Coleen voltava para prosseguir no aterramento quando ouviu a lamúria azucrinante de Alan. Por impulso, girou sob os calcanhares com a pá presa em suas mãos. Não precisava de muita força para derrubar uma criança de cinco anos, e Alan teve tempo de sentir o forte impacto do alvião em sua cabeça antes de perder completamente os sentidos. Jennifer soltou um grito agudo e correu para o irmãozinho, abraçou-o e conferiu a respiração.

- Mãe! Você matou ele!
 - Você viu, Jenny! – sua voz era um sussurro desenfreado, e seus olhos esbugalhavam-se. – Ele não parava de chorar. Eu não aguento criança chorando. Eu até tentei ficar calma, mas você viu, Jenny, você viu.
 - Você matou ele. – Jennifer repetia diversas vezes enquanto chorava, abstando-se de som.
 - Precisamos enterrá-lo, querida.
 - Não! Vamos levá-lo pra casa.
 - Não, não, não, não, não... Não, Jenny, não. – Coleen parecia totalmente fora de seu juízo. – O que iriam dizer? Que ele foi morto por uma pá? Onde? Por quê? Iriam descobrir a Nicole, Jenny. Não, não. Não, não, nem pense nisso. Precisamos enterrá-lo.
 - Bem que o papai disse que você precisava ir naquele médico que conversa; que você estava louca.
 - Seu pai não está entre nós, Jenny. Deixe-o descansar. Alan vai ficar feliz de encontrá-lo. –sem conexão com a realidade, ela se aproximou das crianças e pegou o menino nos braços.
 - Não! Não toque nele! Sua bruxa!
- Coleen libertou uma das mãos e foi certa no rosto da pequena que caiu de costas no solo.

- Não banque a valentona comigo. Se falar outra vez assim, vai encontrar o Alan rapidinho.

Jennifer emudeceu e presenciou o sepultamento do irmão ao lado da ex-babá; as lágrimas dançavam em suas bochechas e o barulho da terra sendo lançada era como uma flechada em seu coração. Outro trovão entregou-lhes um ultimato. Coleen remexeu na terra até aplaná-la.

- Perfeito! Vamos. Vai chover daqui a pouco. – puxou pelos braços da criança relutante e deu uma olhadela para trás. – Adeus, chorão.

Caminharam de volta ao Mazda em silêncio, sendo guiadas pela luz da lanterna. A mulher tinha pressa de ir para casa, e a garotinha sentia vontade de ficar ali, ao lado do irmão, para sempre. Sabia que não podia.

- Droga. Preciso de um cigarro. – Coleen fuçou nos bolsos outra vez, frustrando-se.

Minutos após entrarem no veículo e pegarem a estrada de chão, a chuva caiu. E como as nuvens escuras davam a entender: em peso. As rodovias estavam desertas e o céu chorava seus rancores com fúria. Elas levaram quase uma hora para chegar ao destino, e entraram correndo na casa para fugir da tempestade. Coleen deu a ordem para que Jennifer trocasse de roupa e seguiu imediatamente para o

armário onde guardava os cigarros. Pegou um, acendeu e levou-o à boca. Impulsionou o corpo e sentou-se na bancada da cozinha. Puxou o ar e sentiu a serotonina circular por seu cérebro. Como aquilo era maravilhoso!

Agora sentia sono, mas que tudo fosse pelos ares se ela dormisse naquela madrugada! Precisava se divertir. Não é assim que o ser humano age quando resolve um problema? Tragou o cigarro lentamente até acabar transformá-lo em bituca e depois o espetou no cinzeiro ao lado do pote de açúcar. Seguiu para o quarto de Jennifer e abriu a porta sem muita pressa. A menina que chorava deitada, de cara no travesseiro, assustou-se com o rangido e sentou-se de súbito na cama, e olhou para a mãe, atemorizada. Esta última começou a tirar a blusa.

- Por que não tira a roupa, querida?

- Mãe, não... De novo não...

- Preciso me divertir, Jenny. – Coleen sorriu e fechou a porta atrás de si.

MÁRIO LOURENÇO EVANGELISTA JÚNIOR

Londrina – PR

É funcionário público estadual, tem 27 anos e um livro em fase final de preparação para publicação pela editora Buriti. Trata-se de uma coletânea de contos chamada “Contos Puros”. Participa de concursos literários com frequência, o que o impele a continuar sempre produzindo. Admira as narrativas curtas, mas não descarta de forma alguma os textos mais longos, estando, inclusive, escrevendo um romance autobiográfico atualmente.

Título premiado: O presente de Benjamin

Conheça mais obras do autor: mariolejr@hotmail.com

O PRESENTE DE BENJAMIM

Benjamim caminhava lentamente pelas areias escuras, ouvindo o som agradável das ondas quebrando e sentindo a brisa suave lhe acariciar as faces. Nada no coração nem na cabeça, apenas caminhava.

Saíra cedo, como era de costume, sem nem ter feito o desjejum. A caminhada pela praia era sagrada. Agora voltava para a casa.

Camisa branca de tecido fino, calças e paletó pretos. Este, desbotado e sem o botão da frente. Aquelas, largas e com as barras dobradas até o meio da canela. Os sapatos puídos, maiores que o necessário, de bico arredondado e levemente empinado – que lembravam aqueles usados pelos palhaços – vinham presos aos dedos indicador e médio da mão direita. Havia também um chapéu mal equilibrado na cabeça, que tinha a função de disfarçar a calva que se insinuava.

As nuvens, carrancudas e cinzas, tomavam conta do céu. Sobre o tempo não há mais o que dizer, isso basta.

O vilarejo ainda repousava. Alguma movimentação podia ser vista aqui e ali, porém nada de relevante.

Benjamim entrou em casa sem fazer barulho. Era um homem silencioso, de poucas palavras e muitos olhares.

Na entrada da cozinha estacou. Com a barriga encostada à beira da pia, Sara lavava alguns copos sujos da noite anterior. O marido a observou por alguns instantes. Os sapatos agora já estavam nos pés cascudos e o rosto permanecia inexpressivo. A mulher, percebendo a presença de Benjamim, virou-se, fitou-o e sorriu, porém não disse nada.

Ele se sentou numa das cadeiras ao redor da pequena mesa de madeira coberta por uma toalha estampada. Sobre ela havia um delicado cesto com pães. Ao lado, potes com geleia, manteiga, doce de banana, além da garrafa de café, uma caneca com leite e um punhado de bolachas de água e sal.

Ele comeu, lentamente. Aliás, tudo o que fazia era muito lentamente.

Sara disse algumas coisas sobre o bebê que esperava. Ela sorria e de tempos em tempos deslizava as mãos pela barriga carinhosamente.

Benjamim assistia a tudo sem dizer nada, enquanto os farelos de pão iam se acumulando sobre a mesa.

Você devia tirar o chapéu para comer, disse Sara. Ele obedeceu prontamente, retirando o acessório e colocando-o sobre uma das duas cadeiras que sobravam.

Ela flutuava pela cozinha como uma borboleta. Espalhava perfume pelo ambiente. Seus olhos brilhavam, e os lábios finos e rosados, depois que começaram a se mexer, não pararam mais.

Eu acho que Abraão é um lindo nome.

Não, não, talvez Isaque seja melhor.

Mamãe vem nos visitar no sábado. Por favor, seja simpático com ela. Você queria tanto um filho, não é? Pois bem, ele está a caminho.

Nós esperamos em Deus e ele nos foi fiel. Esta criança é um presente de Deus. Benjamim permanecia no aconchego de seu silêncio. Contemplava a enorme trança que escorria pelas costas de Sara. Quando ela se virava e o olhava, abria

um discreto sorriso e concordava com o que a mulher dizia meneando a cabeça.

Eu vi um carrinho de bebê na cidade, lindo, azul...

O silente Benjamim esfregou as mãos uma na outra, limpou os lábios na toalha da mesa e se levantou. Pegou o chapéu, equilibrou-o na cabeça e observou a mulher por mais alguns segundos.

Acho que devemos comprar um carro. O que você acha? – quis saber Sara.

A essa altura ela já falava sozinha. O marido dirigia-se para os fundos da casa. Lá havia um pequeno cômodo onde guardavam ferramentas, os materiais de pesca de Benjamim e coisas sem utilidade, mas que talvez um dia servissem para alguma coisa.

Benjamim voltou algum tempo depois. Deparou-se com a mulher ao fogão, colocando para esquentar algo que ele não identificou.

Ele tinha esses passos silenciosos, como se seus pés fossem protegidos por panos grossos.

Parado bem as costas de Sara, ele sentiu ainda mais claramente seu perfume adocicado. Ela não percebeu a presença do marido. Olhava fixamente para dentro da

panela e mexia o que havia dentro dela com uma colher de pau.

Sara sentiu a frieza dos lábios do marido na altura de seu ombro esquerdo. Um beijo demorado. Havia também o roçar da barba rala.

Ai, que susto, Benjamim!

O beijo demorado acabou. Veio então a linha de pesca que ele tinha nas mãos.

Ela até gritou: Benjamim, Benjamim, Benja... Debateu-se. Seus pés chutaram tudo o que encontraram pela frente. As mãos finas tentaram combater as patas do marido, mas foram vencidas.

Um duro conflito entre a linha e o pescoço. O sangue começou a escorrer.

Benjamim curvava o corpo para trás e fazia força com os braços. A mulher estava demorando a morrer e isso começou a incomodá-lo. Não imaginou que seria assim. Ambos caíram no piso gelado da cozinha. Ele por baixo, ela por cima.

As mãos de Benjamim doíam, estavam cortadas – não tanto quanto o pescoço de Sara, é verdade, mas estavam cortadas. Ela produziu ruídos estranhos e perturbadores durante todo o combate. Foi perdendo as forças,

desfalecendo e os ruídos diminuindo, até que cessaram por completo. As pernas inquietas se acalmaram. As mãos cobertas de sangue pararam de lutar.

Mesmo constatando que a mulher estava imóvel, Benjamim ainda pressionou a linha de pesca contra o pescoço dela durante alguns segundos. Ele respirava de maneira descompassada e ela já não respirava mais. Benjamim se acalmou e desvencilhou-se do corpo. Impressionou-se ao constatar que Sara continuava linda como um anjo. Jogou a linha no lixo próximo a pia, pegou uma faca grande e afiada – a melhor que possuíam - e partiu para a segunda parte do plano.

Desventrar a mulher que um dia amara loucamente não foi nada fácil, mas ele o fez. Enquanto a matava não hesitou em nenhum momento. Sabia o que tinha que ser feito e simplesmente fez. Nesse momento, porém, titubeou. As mãos estavam trêmulas e ele se segurou para não chorar. O primeiro corte foi feito de olhos fechados.

Depois de ter colocado o feto na mala preta que ganhara do pai quando tinha apenas vinte anos, tranquilizou-se, uma sensação agradável se apoderou dele. Estava pronto para executar a parte final de seu plano. Ajeitou o paletó e recolocou o chapéu na cabeça.

No caminho encontrou com um amigo, que abriu um largo sorriso ao vê-lo, mas que logo fechou a cara ao perceber que Benjamim estava com as mãos e as roupas sujas de sangue.

- O que aconteceu com você?

- Nada. Estou bem. Machuquei-me numa das ferramentas e limpei o sangue na roupa, só isso.

O homem miúdo e de rosto encarquilhado ficou olhando para Benjamim de maneira desconfiada enquanto ele se afastava rapidamente.

O sol brilhava forte. As nuvens já não dominavam o céu como de manhã.

Os passos estugados de Benjamim levaram-no a casa de um de seus grandes amigos, Abraão.

Ele não bateu na porta como de costume. Caminhou pelo jardim bem cuidado do amigo e chegou até os fundos do terreno, onde havia um pequeno depósito. Por lá deixou a mala preta que carregara durante todo o trajeto. Só então se dirigiu a varanda onde sua mão ensanguentada fechou-se e chocou-se com a porta da frente produzindo o famoso toc, toc, toc.

Alguns segundos depois surgiu Abraão, com aqueles seus olhos grandes reluzindo no rosto bondoso.

- Que surpresa agradável, disse ele.

Benjamim não respondeu. Havia apenas um sorriso frio e insistente em seus lábios.

- Entre, entre... Você está sujo de sangue. O que aconteceu?

- Não, eu não posso entrar. Eu vim para lhe trazer um presente, mas não posso ficar. Em relação ao sangue, não se preocupe, eu estou bem.

Abraão fez cara de quem não entendeu o que ouviu.

- Um presente para mim? Por quê? Nem é meu aniversário.

- Não é necessário esperar o aniversário para se presentear um grande amigo. Suas mãos estão machucadas...

- Eu já disse para não se preocupar.

Benjamim levou as mãos suavemente às faces de Abraão e fitou-o com olhos de ternura.

- O presente está lá no depósito dentro de uma mala preta. Espere que eu vá embora para pegá-lo.

- Você está muito estranho Benjamim. O que houve?

- Nada demais, meu amigo. Eu apenas lhe trouxe um presente que na verdade foi você mesmo quem fez.

- Eu fiz?

- Sim, foi você quem fez. Eu lhe trouxe o que é seu por direito.

Benjamim afastou-se lentamente. Sentia-se aliviado e pleno, com a sensação de que havia feito o que devia fazer. Abraão por sua vez continuava embasbacado com a atitude do amigo. Estava curioso para saber do que se tratava o tal presente.

Benjamim pôs-se a caminhar pelas ruas do vilarejo novamente. Aos que perguntavam sobre o sangue em suas mãos e em suas roupas ele dizia eu estou bem, foi só um pequeno acidente. Resolveu caminhar pelas areias escuras da praia como havia feito pela manhã. Sapatos nas mãos, barras das calças dobradas até o meio da canela, roupas sujas de sangue e um sorriso insistente nos lábios finos e frios.

MAX FRANCO

Fortaleza – CE

É formado em Letras (Literatura) pela Universidade Estadual do Ceará. Foi professor de Língua portuguesa e Literatura. Foi agraciado com 1º lugar no Prêmio Ideal Clube de Fortaleza, na categoria CONTOS, em 2012. Publicou os livros Na corda bamba, romance, 2007; O confessor, romance, 2008; No fio da navalha, romance, 2009; Palavras aladas, 2011 (Prêmio Milton Dias de melhor livro de crônicas de 2010 – Secult CE); Palavras amargas, (Prêmio Oliveira Paiva de melhor livro de contos-SME Fortaleza); Storytelling e suas aplicações no mundo dos negócios, Editora Atlas, 2015.

Título premiado: A megera sorte

Conheça mais obras do autor: max@santacecilia.com.br

A MEGERA SORTE

Despertei no tapete da sala. Um gongo soava grave no alto da minha cabeça que, veemente, reclamava toda a minha atenção. Foi com exasperação que olhei para o relógio e o resultado foi uma sensação ácida de algo gelado crescendo no meu estômago. Faltavam quinze minutos para a minha mulher chegar. Essa era a boa notícia. A má, era que a outra ainda estava na minha cama, desacordada e nua.

- Acorda, Jéssica! Acorda e se veste! - gritei percebendo que eu mesmo não estava nos trajes mais adequados vestindo sumariamente a calcinha vermelha da moça.

Posso ser acusado de muita coisa, no entanto, ninguém nunca me apontou o dedo em riste e me chamou de azarado. Pelo contrário, sempre tive a doce impressão de que a Sorte nutria uma antiga quedinha por mim, de tanto que ela costuma sorrir para o meu lado. Imagine a decepção que me assaltou quando, justamente no instante em que mais preciso dela, percebo que aquela que - desde tenras épocas - habitualmente flertou comigo, de repente, sem aviso, bilhete ou SMS de despedida, abusou de mim.

Abusou e se foi. E como foi fácil de me dar conta disso. Bastou ouvir o toque enjoativo da campainha e o som de uma voz desagradavelmente conhecida.

- Tiago! Está aí?! - era o meu sogro. - Acorda, desocupado! E agora? Como eu ia explicar para a versão caririense do Joseph Ratzinger que tinha uma mulher nua e chapada na minha cama?

O jeito era se fazer de morto. E foi o que eu fiz. Me joguei no chão da cozinha e fiquei por lá. Calado. Mas não totalmente. Rezando. Para quem? Para alguma Nossa Senhora padroeira dos adúlteros, safados e licenciosos como eu. Deve haver. Lógico que deve. Havia tantos por aí, como poderiam ficar desabrigados de padroeira?

- Acorda, homem! Eu sei que você está aí! O seu carro não veio para casa sozinho, veio? - dizia o homem parado no meu jardim.

“Pensa! Pensa, desgraçado!”

- Major! – gritei enquanto me cobria com uma toalha e molhava os cabelos. - Estava no banho. - disse abrindo a porta. - Mas que surpresa ver você por essas bandas!

- Surpreso fiquei eu ao passar aqui na rua e ver o seu carro estacionado. - comentou ele, me escaneando dos pés à cabeça. - Não era para você estar na empresa nesta hora?

O filho duma égua do velho sempre tivera desconfiança de mim. Por ele, nem sequer teria me aproximado da sua dileta filha. Por ele, nunca e em nenhum momento trabalharia na sua empresa. Por ele, na verdade, a sua filha estaria melhor sendo monja no Nepal do que sendo minha mulher. O pior é que nem sequer eu não conseguia discordar muito dele.

- Virose, Major. - disse massageando a barriga proeminente por cima da toalha verde-limão. - Desde ontem. O senhor acredita que fui dezessete vezes...

- Não quero saber, Tiago! Deixa para lá os detalhes hediondos. Mas, e aí, não vai me convidar para entrar? Sei que a Sônia deve estar já para chegar. Ela me enviou uma mensagem do aeroporto.

- Vai chegar. - concordei, quase às lágrimas.

- Ela me disse que você não ia buscá-la por causa do trabalho...

- Realmente. Sabe aquele contrato com o pessoal da Dias e pias?

- Você faltou à reunião com o pessoal da Dias e pias? Estamos esperando faz seis meses para essa reunião.

- Ela vai ser amanhã. Eu só estava enganado com a data e pensava que seria hoje, por isso não fui buscar a Soninha no aeroporto. O senhor quer água ou alguma coisa?

- Quero entrar. Posso?

- Entrar onde?

- Na sua casa. Na verdade, na casa que eu dei para a minha filha viver com você.

- E que nós aceitamos com tanto gosto, Major!

- E, então...

- Então, o quê? Ah, sim, claro. O senhor pode entrar. Sente-se, por favor!

- Eu preciso pegar uma coisa no quarto. É lá que ficam as malas, não é? - disse o homem se dirigindo para o quarto. Foi aí que decidi apelar para a ignorância porque a coisa já estava ficando descontrolada. O diabo é que não vinha à cabeça nenhuma ideia salvadora nem mais nada que pudesse me valer.

Se o meu sogro, ao menos, fosse um homem comum. Destes de carne e osso, como 99,99% da humanidade dotada de testosterona é, eu teria alguma chance. Ao menos ele cultivasse os vícios ordinários dos seres humanos masculinos. Ao menos ele perdesse tempo com coisas obrigatórias para o nosso gênero como futebol, cerveja e carteados. Ao menos ele tivesse no curriculum um caso aqui e outro acolá. Mas o cretino era dono de uma reputação

inabalável e detentor de uma certidão negativa mais alva do que a hóstia sagrada.

Como eu poderia explicar o inexplicável para um homem com aquela honra imaculada? A saída que me apareceu foi a primeiro insight que me veio à mente: me larguei no chão e simulei um ataque qualquer.

- O que você está sentindo, homem? - indagou ele, se aproximando de mim.

- A minha barriga... - disse aos berros. - Está pegando fogo.

- Mas o que é isso? - interrogou o velho, perplexo.

A minha atuação fora tão exagerada que deixei largada no chão a toalha verde-limão. O resultado não poderia ter me deixado em condição pior: vestindo apenas a indefectível calcinha vermelha.

"Vai, sabidão, improvisa!"

- Você é um transviado, Tiago?! - inquiriu com os olhos maiores do que os olhos.

- Não, Major... é que... não é isso... Ah, desisto! Quer saber, Major, cansei de mentir. Sou sim. Quer dizer. Acho que sou. Eu nunca fiz nada... com homem, sabe? Mas, sempre tive uma coisa, uma sensação, aqui dentro, um desejo maior do que os outros.

Era a minha última cartada. Um lance desesperado realizado por um homem desesperado. Se não funcionasse, o jeito seria sair correndo de casa de calcinha e tudo. E tudo, não. E nada. Nem casa, nem emprego, nem mulher, nem férias em Cancun, nem tv a cabo com brasileiro. O que mais me doía era o que mais dói nessas ocasiões: a perda da tv a cabo. Um homem deveria ter direito inalienável à sua tv a cabo.

- Eu entendo, Tiago! - começou o velho. - Ninguém entende esse sentimento mais do que eu.

"Como assim: Ninguém entende esse sentimento mais do que eu !?"

Quem estava mais atônito, então?

- Eu controlei essa pulsão a minha vida inteira, Tiago! – “o que era aquilo, um filme do Woody Allen? O velho estava pegando na minha mão e ele sussurrava. Sussurrava!” - Você não sabe como foi difícil! Como foi duro. - A mão já estava na minha coxa!!!

- Não tem nada duro aqui, seu Major! - retruquei me erguendo de um salto. - Não podemos nos deixar levar luxúria. Não podemos deixar que o inimigo domine a nossa mente e o nosso corpo.

- Como assim, garoto! Essa é a nossa chance de sermos felizes. Agora entendo o motivo de eu nunca ter lhe aprovado para a minha filha. É claro! Como não pude enxergar isso antes? Eu olhava para você e via um espelho. Eu me via refletido em você. Como eu poderia querer isso para a Soninha?

“Eu olhava para você e via um espelho.” Que papo era esse, meu deus?! Deviam proibir esses livros de autoajuda. Olha o que estavam fomentando!

- Major, não fique com essa impressão. É só uma fraqueza. Foi só uma fraqueza. Um deslize, nada mais! Já estou bem. Vou ao quarto me trocar e peço que o senhor volte noutro dia. E, é claro, lhe peço que esqueça esse episódio constrangedor. Vamos seguir a nossa vida nos esquecendo dessa conversa.

- Não diga isso, Tiago! – disse o homem me abraçando por trás. – Nós nos entendemos como ninguém mais pode nos entender, por que não podemos viver esse amor?

“Agora, lascou! O velho está descontrolado! O jeito vai ser dar um sopapo nele. Tenho que pensar noutra coisa. Do jeito que está, vai acabar é gostando de apanhar.”

- Major, não podemos viver amor algum! É pecado, lembra?! Pecado dos grandes. Pecado impúblicável. Pecado

imperdoável! Temos que ser fortes para que Jesus nos veja do céu e aprove a nossa conduta!

- Puxa, Tiago! Eu não sabia que você conhecia tão bem a doutrina cristã. Isso só aumenta a minha admiração por você.

“Agora o nome disso é admiração? Sei.”

- Sabe, garoto, eu já vivi um amor assim uma vez. Faz muito tempo. Deixe lhe mostrar. – Então o velho baixou as calças e eu pude ver, para o meu horror e espanto, um desenho em forma de coração tatuado nas suas nádegas. Ainda tinham grafado duas letras no centro da tatuagem.

- JC? Jesus Cristo? Você tem o nome de Cristo escrito aí? – perguntei perplexo me achando, àquela altura, dentro de um quadro surrealista de Dalí.

- João Carlos! Carlinhos, na verdade. Meu primeiro e único amor. Único, até hoje. Até encontrar você.

Foi aí que uma ideia perfeita se materializou na minha mente.

- Deixa eu ver de novo, Major. – pedi, aproveitando que a bola estava quicando dentro da área. – Achei tão linda a sua tattoo.

É claro que o velho não contou até dois e, com um sorriso aberto de satisfação, me mostrou de novo o seu segredo.

Não obstante, esse sorriso morreu subitamente em seus lábios quando ele se deu conta de brilho inesperado que surgiu às suas costas.

- O que foi isso?

- Chama-se fotografia. É uma coisa até antiga. Na verdade, tem mais de cem anos, mas só nos últimos tempos ela foi acoplada a esses aparelhos de telefonia portátil. Sempre considerei a tecnologia uma coisa formidável.

- Você me fotografou, seu canalha?

- Sim. Deixa-me ver se a foto ficou boa. Para dizer a verdade, ficou ótima. Dona de uma singeleza ímpar! Você ficou perfeito.

- O que você quer fazer com isso, seu pederasta?! – bufou o velho.

- Pederasta, eu? Pensei que era mais esperto, sogrão! Não vou fazer nada. Nada. Absolutamente nada. Apenas quero o seu silêncio em troca da minha discrição.

- Silêncio? Silêncio sobre o quê? Sobre essa calcinha ridícula? Por mim, você pode se vestir até de mulher maravilha. Por que você acha que eu, logo eu, entregaria você?

- A questão, Major, tem pouco a ver com a calcinha. – falei abrindo a porta do quarto e mostrando a mulher nua que

ainda se encontrava prostrada na minha cama. – Agora preciso que o senhor me ajude. Ela é pesada demais para eu conseguir levá-la sozinho.

- Eu não vou levar essa ordinária. – gritou o homem com as mãos na cabeça, enfim entendendo a arapuca em que havia caído.

- Não diga isso! Não deprecie o nome da sua caçula. Isso não é bonito para um pai.

- Caçula? Como assim? É a Jéssica!? Você está com a Jéssica, seu depravado? Você é um cretino, Tiago. O maior deles. Tinha que ser logo a Jéssica?

- Sou apaixonado pelo seu DNA, sogrinho querido! E que saber? A sua atual estatura moral não está lhe permitindo mais tecer esses tipos de julgamentos. Quero saber como reagiria a sua família se essa sua ingênua foto circulasse pela net. – disse, observando que o homem notoriamente empalidecia. - Vamos fazer assim: você me ajuda a vesti-la, a colocá-la no seu carro e a gente depois se esquece disso tudo, ok? Ah, é claro, também aceitarei uma promoção na empresa e, logicamente, um aumento compatível ao novo cargo. Acho esse negócio de subgerente muito chinfrim. Gerente se adequa muito mais ao meu potencial.

- Você é um desgraçado, Tiago! Não, você é o próprio demônio! Seu destino será o inferno!

- O Inferno? Nem perigo! Com a sorte que eu tenho, será céu, certeza.

RAFHAEL VASCONCELOS,

Fortaleza – CE

Graduando do curso Letras – Língua Portuguesa na Universidade Estácio – Fic Moreira Campos. Atualmente trabalhando em um romance e outros contos voltados para os gêneros suspense e drama.

Título premiado: Carolina

Conheça mais obras do autor:

rafhaelvasconcelos@gmail.com

CAROLINA

1

Dr. Inácio estava sumido havia muito tempo. Quando foi encontrado – infelizmente sem vida – ele estava sentado em uma poltrona segurando uma foto e havia também manuscritos ao seu lado. Ulisses pegou os manuscritos e começou a ler.

Ela diante de mim fria e sem vida. Enfim a doença sobrepujou meus esforços em curá-la. Em um canto da capela seus pais e outros parentes choravam enquanto eu permanecia irresoluto remoendo meus métodos e tudo o que havia aprendido com a medicina e não encontrava resposta para minha falha.

Conheci Carolina em uma manhã de setembro. Jamais esquecerei aquele dia, 21 de setembro de 1925 uma segunda-feira. Ela chegou com seu pai ao hospital que eu trabalhava como médico. Não precisou muito para que eu soubesse de sua enfermidade. Quando ela percorria o corredor apoiada pelo pai dirigindo-se para a recepção, sua tosse a denunciou. Tuberculose. Imediatamente corri em

seu auxílio que se engasgava e tossia descontroladamente. Quando toquei em seus braços percebi que tinha febre. Carolina tinha idade para ser minha filha. Quando a conheci deveria ter dezoito anos. Tinha pernas esbeltas, cabelos negros lisos e longos. Lábios pequenos e olhos verdes. Mesmo diante de sua convalescência, de seu estado frágil, Carolina era linda! Não me interpretem mal, se algum de vocês a tivesse conhecido entenderiam.

Seu estado era grave e requeria cuidados mais intensos e Carolina então teve que permanecer internada. Cuidei de tudo. Por um momento parei para pensar no que estava fazendo. Analisei meus atos e percebi que agi com mais empenho e com mais amor como nunca em trinta anos de medicina. Por um instante não entendi o que havia me levado a fazer aquilo, mas logo descobriria. Aconteceu da forma mais sutil que se pode imaginar. Leve e sem pretensões. Durante muitos anos fui alheio ao amor. Tive relacionamentos breves e nunca casei. Não sei bem o motivo, mas havia algo entre viver em comunhão que não me agradava. Certa vez um amigo me falou que talvez fosse por eu não ter encontrado a pessoa ideal ou que me faltava era a paixão; de fato jamais experimentei tal estado e por isso seria difícil saber quando estaria apaixonado por

alguma mulher. Confesso que nunca fui bom com sentimentos amorosos.

Carolina ficou na ala destinada a doenças infecciosas sob a coordenação do Dr. Alencar, um amigo de longa data e de minha grande estima. Conversamos sobre seu estado e muito havia de ser feito. Naquela época a cura ainda era muito difícil, mas ela era jovem e bem poderia responder bem ao tratamento; eu ao menos contava muito com isso. Não cheguei a demonstrar meu apego – mesmo que leve – por Carolina que ganhava força a cada minuto. Mantive-me com a postura ética e profissional. Mesmo assim cheguei a pedir que tivesse atenção especial por ela.

- Não se preocupe meu caro Inácio. Vamos fazer o melhor. Pelo lado de fora a vi no quarto, acompanhada de uma enfermeira. Permaneci ali observando. As roupas que usava foram trocadas por um camisolão hospitalar branco de tecido fino que contra a luz tornava-se levemente transparente sendo possível ver a silhueta.

Depois de acomodada em seu novo leito me aproximei. Pela janela a luz do sol entrava mantendo o quarto bem iluminado. Do lado de fora era possível ver um conjunto de árvores e em certas horas da manhã poderia escutar o canto dos pássaros. Carolina desfez a tristeza com

um tímido sorriso quando me viu. Passei a tranquilizá-la e explicar-lhe como seria seu tratamento. Depois de certo tempo seu pai adentrou o quarto depois de cuidar da parte burocrática. Deixei-os a sós. Posteriormente conversaria com o Sr. Xavier o mesmo que conversei com sua filha.

2

Naquela época eu trabalhava na ala cirúrgica do Hospital São Francisco de Paula que ficava no lado oposto da ala de doenças infecciosas. Dois dias depois de sua chegada, em mim surgiu uma vontade impetuosa inexplicável de estar próximo a ela e assim passei a todas as noites visitá-la após meu expediente. Na primeira visita levei flores – lírios para ser mais específico. Lembro de ver seus olhos radiantes ao recebê-las seguido de um rubor nas faces vencendo a palidez. As visitas de seus pais eram controladas para evitar o contágio. Ela contara-me que se sentia solitária naquele quarto de sanatório; confesso que jamais gostei dessa palavra. Conversamos muito naquela noite até chegar a hora de seu repouso. Mesmo tendo livre acesso por todo o hospital eu também tinha que seguir o

regimento interno caso não quisesse ser impedido de fazer minhas visitas.

Assim seguiram-se quase todas as noites. Cheguei a levar livros onde por vezes recitava poemas e em outras ocasiões estávamos em silêncio, cada qual entretido com sua própria leitura. Naquele instante aprendi que apenas a presença era suficiente para espantar a solidão daquele lugar. Carolina era grata por isso, mal sabia ela que eu também era grato. Duas semanas depois me dei conta de que meu mundo era vazio. Minha casa era silenciosa e fria e eu era um quinquagenário solteiro e sozinho.

Eu e Ulisses costumávamos frequentar um bar nas proximidades do centro da cidade todas as sextas-feiras. Certo dia ele veio me cobrar por não mais comparecer ao nosso encontro semanal e perguntou se havia algum problema comigo. Naquele instante pareceu-me que se contasse a ele das minhas constantes visitas a uma paciente poderia ser que eu fosse ridicularizado ou mal interpretado. Senti que aquilo deveria ser um segredo meu e de Carolina e cogitei falar com ela para não comentar das visitas e das nossas conversas. Deveria falar também com as enfermeiras para que não comentassem acerca da minha constante presença no quarto de Carolina, mas aquilo poderia levantar

suspeitas. Nossa! Repentinamente um turbilhão de conjecturas assaltou minha mente e sem perceber respondi em poucas palavras.

- Estou acompanhando um paciente.

Naquele dia então deixei de ir visitá-la e segui para o centro com Ulisses. Conversamos a noite toda. Como sempre o assunto era o mesmo; primeiro falava-se sobre o trabalho – Ulisses era médico assim como eu – e depois política. Quando acabava o assunto ficávamos assistindo as mulheres que dançavam o cancan mostrando suas pernas roliças, bustos volumosos e sorrisos sedutores.

Naquela noite nada me interessava. Meu corpo estava lá e meus olhos voltados para as belas mulheres que dançavam, mas meu pensamento voltava-se para um quarto de hospital onde estava Carolina. Devaneei por um instante levado pela embriaguez e a vi dançando para mim – e somente para mim – sorrindo e soprando um beijo. Não sei por quanto tempo permaneci naquele sonho acordado. Queria poder ficar ali eternamente, mas a ilusão me foi retirada por Ulisses que me puxando pelo braço avisou-me que já era hora de ir embora.

No dia seguinte não precisei trabalhar e mesmo assim fui ao hospital pela manhã. Primeiramente procurei Alencar e

conversamos por um tempo. Ele havia me dito que Carolina apresentava evolução e que respondia bem aos medicamentos. Segui para onde ela estava e ao chegar à porta percebi que seus pais estavam com ela. Disfarcei o susto que tomei e desculpei-me pela intromissão. Carolina por sua vez virou-se pra mim com aqueles olhos de anjo e autorizou minha entrada. Fui recebido bem e seu pai me chamou no canto para uma conversa em particular. Confesso que fiquei nervoso, pois não sabia o teor do assunto. Mais uma vez digo que temia que minha proximidade com ela pudesse ser mal interpretada. Xavier com sua expressão taciturna falou-me que sabia da minha atenção constante a sua filha; ela mesma o havia contado. Naquele instante meu sangue gelou. Imaginava que o homem motivado pelo ciúme da filha pudesse cometer algum ato violento. Para minha surpresa ele me abraçou e disse que jamais esperaria isso. Xavier sabia que sua filha estaria sozinha ali e que uma boa companhia seria de extrema relevância.

Hoje percebo que a maldade estava em meu pensamento ou talvez o medo de outros pudessem supor sobre meus atos. Decerto que para Carolina eu estava sendo alguém importante e agora quase curada ela me presenteava

com seu sorriso angelical e seu olhar de esmeraldas. Dois meses depois de sua chegada Carolina partiu. Segundo Dr. Alencar ainda tendo que tomar certos cuidados. Vê-la partindo me trouxe sensações que antes desconhecia. Como médico estava feliz pelo tratamento ter tido resultado e em vez de estar diante de um cadáver, estava vendo a paciente acenar com a mão em despedida. Hipnotizado cheguei a vê-la soprando um beijo, mas aquilo foi apenas em minha mente. Já como homem sentia tristeza e desalento. Naquele instante minha vida voltaria a ser o vazio de antes. Aquele hospital seria novamente um lugar de feridos, enfermos e moribundos. O brilho da presença de Carolina havia se dissipado.

Uma semana se passou e a tristeza aumentava. Então percebi o que estar apaixonado. Havia então experimentado aquilo que certa vez um amigo me falara; a paixão. Queria eu não ter jamais tomado conhecimento de tal sensação, pois a ausência de quem eu sentia amor estava me fazendo sofrer. Preferiria viver no meu mundo de solidão a jamais amar ninguém. Praguejei e chorei muito, me sentia ridículo. Passei a frequentar o bar não somente as sextas. Pensei que pudesse esquecê-la dando mais atenção as dançarinas de cancan; mas foi inútil! Lá estava ela

novamente em meus devaneios, dançando para mim e me soprando um beijo.

3

Foi em um domingo frio que um homem bateu a porta de minha casa. Era Xavier Trindade, pai de Carolina. Fiquei surpreso em vê-lo na minha casa, pois até onde me lembro não lhe repassei meu endereço. Posteriormente o mesmo explicara-me que o havia conseguido no hospital. O motivo de me procurar era por Carolina. Não esperei explicações e imediatamente segui com ele para sua casa. No caminho contou-me que ela havia misteriosamente priorado muito. Meu coração pulava movido pelo nervosismo. Estava ali como médico novamente e deixei de lado os impulsos masculinos. Chegando a sua residência fui levado até seu quarto. Ela estava pálida e fraca. Um lenço em sua mão direita estava manchado de sangue e imediatamente o retirei e joguei-o fora. Carolina estava de olhos fechados e quando me aproximei ela os abriu. Um novo sorriso tímido surgiu dos seus lábios e agora o brilho fraco dos seus olhos estava mais uma vez diante de mim.

- Não trouxe flores? – Sua voz estava fraca, mas continuava doce. Segurei firme em sua mão e quase chorei ao ouvir aquilo. – Vou trazer meu bem, vou trazer. – Aquelas palavras saíram sem que eu percebesse. Por um instante não dei conta de que seus familiares estavam ali presentes e eu me comportando como um consorte. Minhas maneiras e nem minhas palavras tiveram medida depois daquilo. Falei com veemência que deveríamos com urgência levá-la novamente ao hospital e assim fizemos. Pouco tempo depois estávamos novamente no mesmo quarto que havíamos dividido momentos de leitura e conversa. Agora diferente já que estava dormindo enquanto permaneci ao seu lado a noite toda. Alencar me falara na manhã seguinte que seu quadro havia misteriosamente evoluído para um estado mais grave. Era impossível! Não conseguia acreditar naquilo. Dediquei todo o meu tempo a seus cuidados enquanto Ulisses cobria minha falta. Meu amigo então percebeu o porquê da minha mudança de hábito. Passei a custear o tratamento de Carolina não me importando o quanto precisasse gastar. Passei a dedicar-me exclusivamente a ela fazendo todos os esforços humanos possíveis. O mais importante era trazer a cura de qualquer forma. Em uma das noites que ela esteve bem pudemos

conversar. Eu segurava sua mão e olhava em seus olhos. Foi um dos poucos momentos – talvez o único – de maior cumplicidade que tivemos. Cheguei a pensar que era um amor platônico, mas naquele instante percebi que havia algo mais naquele olhar.

Certamente Carolina também pudesse ter me amado, infelizmente disso jamais saberei. O que posso ter de alento é que quando ela fechou seus olhos naquela noite. Eu a beijei e disse que a amava. Ainda de olhos fechados ela sorriu timidamente e – o momento de maior dor – vi aquele sorriso se desfazendo e sua mão perdendo a força e soltando-se da minha. Carolina já não respirava mais e entrei em desespero.

Agora estou aqui diante de seu corpo frio e sem vida, sem sorriso e sem o brilho dos olhos. O silêncio que me cerca faz com que eu ouça ecoar na minha mente o som da sua doce voz. Enfim esse é o amor? Jamais amarei ninguém, amarei para sempre Carolina, aquela que um dia transformou um coração de pedra em um de carne e quis o destino pregar uma peça para fazê-lo sangrar!

Inácio morreu segurando uma fotografia de Carolina soprando um beijo.

RAONÍ TELLES

Santos – SP

Começou a escrever fazendo poesias no ensino fundamental e distribuindo alguns versos para familiares. Ele é jornalista de formação e músico de coração. Fez curso de criação literária pela AIC em 2013 e no mesmo ano aventurou-se na arte dos microcontos, entrando para Antologia de Microcontos de humor de Piracicaba. De lá para cá, marcou presença 3 anos consecutivos. Também faz parte da antologia "Fragmentos de Medo". Atualmente, Raoní mistura ficção com registros autobiográficos.

Título premiado: Cão magro

Conheça mais obras do autor: raonitv@hotmail.com

CÃO MAGRO

“Ando solitário por essas ruas.

Vejo belos cachorros tão bem cuidados e alimentados. De banho tomado e pelos escovados. Não sinto inveja, pois nem tenho força para isso. Mas e eu? Viro lata. Literalmente. Quem me dera ao menos encontrar um osso duro para roer. Que ainda tivesse um sangue escorrendo ou tutano dentro. Mas não posso nem pensar em passar em frente ao açougue que me enxotam de lá a vassouradas. O que é que eu fiz pra nascer assim? Minha mãe era uma cadela. Também vivia na rua. Meu pai, nem sem quem foi. A minha mãe teve muitos cachorros em sua vida. Quando tava no cio era um depois do outro. A pobrezinha nada podia fazer com tamanha brutalidade. Depois que eu nasci, bebi leite por pouco tempo e já fui jogado no mundo. Convivi com meus irmãos por pouco tempo. Dois morreram cedo e o os outros seis nunca mais vi. Nenhum deles me ensinou nada. Quem me ensinou foi a fome. O instinto de sobrevivência. Na rua, ou você é forte ou morre cedo. Mesmo magro, aguardei até aqui todo tipo de coisa.

Ando sem destino, perdido e vagante por esse mundo cruel. Quem me dera ter nascido de raça e bonito e alguém ter tido pena de mim. Me levado pra casa. Fico esperto é com a carrocinha. Já ouvi de outros cães que lá fazem sabão com a carne nossa. Poucos conseguiram fugir daquele inferno pra contar história. Mas pra mim, o inferno é aqui mesmo. É onde há fome. Não tenho força pra latir, quanto mais pra morder. Com poucos dentes velhos e fracos, dificilmente consigo comer o lixo que reviro. E ainda fico sonhando com um osso que, se conseguir, nem poderei morder. Durmo em qualquer canto sujo e fedido a urina. Já fui chutado por moradores de rua. Outros foram até legais. Compartilharam de sua miséria comigo. Me deram o mínimo que tinham. Migalhas de pão velho ou restos de sobras de almoço. Bebo água suja ou da chuva. Meu destino é vagar, vagar até morrer doente ou de fome. Pareço invisível.”

A mãe

“Minha dona me jogou na rua. Eu era tão apegada a ela. Não entendo porque fez isso comigo. Eu tinha uns cinco anos quando a mulher que eu amava me abandonou. Eu comia ração boa, tomava água fresca e dormia no chão da sala. Mas depois de algum tempo, a dona começou a ficar

brava comigo e a me bater. Não me levava mais pra passear. E como ela não gostava que fizesse xixi e coco no apartamento, ela me batia. Até que não me aguentou mais e me chutou para fora. Quando me vi no meio do asfalto, não sabia pra que lado seguir. Muito barulho e movimento. Eu estava no cio e era indefesa. Vieram muitos cães e se aproveitaram de mim. Fiquei prenha não sei de que vira lata. Algumas pessoas me deram comida e água por pena. Quando tive os filhotes, uns dois morreram e os outros sete saíram vagando em busca de alimento quando o leite secou. Com tanto cão sugando minhas tetas doloridas e quase sangrando, não poderia durar muito. Como eu era uma cadela doméstica, também não durei muito tempo. Morri mesmo foi de saudades e tristeza. Por que ela fez isso? Por quê?”

Osso duro

Sou o osso duro de roer tão cobiçado pelo cão magro. Por fora sou branco feito leite e por dentro tenho bastante tutano. Mas, por mim, ele morre de fome. Pobre cachorro miserável. Sem compaixão de nenhum ser vivo. Revirando lixo e recebendo migalhas dos pobres para sobreviver. Não tenho pena dele não. Não gostaria de ser mordido por ninguém. Ainda mais por um cão vadio. Sou parte

deslocada e decepada de uma vaca que morreu brutalmente para encher a pança de homens. Então, por mim, que morra de fome o cão magro. Filho da cadela abandonada. Não dou a mínima. Também, o cachorro vagante faminto não aguentaria nem me dar uma mordida que quebraria os dentes que ainda o restam. Deixa-o sonhar com o dia em que irá me encontrar. Deixa ele se iludir. Pelo menos isso é o que o move a viver. A procura por mim. E se ele realmente me encontrar, será uma fatalidade. Não para mim, mas para ele que ficaria banguela de vez. Prefiro ir para o lixo ao invés de o açougueiro me dar para ele. Adoro vê-lo ser chutado da casa de carnes. Mas, uma coisa ele tem em comum comigo: pouca carne e muito osso. Quando morrer, seu couro apodrecerá e os urubus comeram suas tripas. Tudo que restará dele serão ossos. Meus irmãos. E ninguém dará a mínima.

Misto frio

Deus me livre ser comido por um mendigo sujo com dentes estragados. Prefiro mil vezes apodrecer no lixo com a pouca dignidade que ainda me resta. Se me jogaram aqui é porque não gostaram de mim. Me deram algumas mordidas e agora estou rodeado de moscas, germes e bactérias. E

fedo. Meu sangue de catchup escorre. Duas fatias de pão francês, uma fatia de queijo e uma de presunto. É tudo isso que sou. Mas não estou inteiro. Faltam-me alguns pedaços. Pensando bem, poderia fazer a alegria do morador de rua. Poderia deixá-lo feliz ao me ingerir. Mas, a vida não é assim. A minha parte feita de presunto ainda possui sentimentos. Porco abatido no chiqueiro que foi ainda sente o trauma da morte. O abatimento brutal e insensível. Por essa parte, todos humanos morreriam de fome. Mas, a minha parte pão ainda é solidária. Gostaria de ser dividida e repartida. Porém, quem me jogou no lixo foi insensível e não me valorizou. Além de não se importar com a fome do próximo. Eu ainda estava quentinho. E mesmo assim, ele se deu ao luxo de me jogar fora. Nem se importou com quem não tinha condições de me comprar e usufruir-me por inteiro. Agora estou frio e prestes a apodrecer.

Conversas

“Iremos acabar com a fome! Firmarmos um acordo perante o povo para a erradicação da pobreza do mundo! Daremos o pão, daremos o peixe! Votem em mim!”

“Doe seu dinheiro! Assim Deus vai gostar mais de você... Desse jeito o céu estará de portas abertas para te receber...”

Passa aqui o seu cartão de débito e doe o seu dinheiro!
Quanto maior a doação, mais rápida é sua ascensão aos céus. Lá a mesa é farta, e o pão e o leite nunca faltam!”

Minhoca

Debaixo da terra estou. E por aqui, muitos corpos encontro. É aqui o destino final de todo ser vivo. Ninguém escapa. Cão magro, mendigo, dona, político e religioso. Todo mundo morre. Ninguém escapa da Dona Morte. E depois todos viram adubo. Adubo do qual me alimento na terra. Terra que em minha presença é sinal de fertilidade. E daí se pode plantar. Plantar capim pra criar boi ou vegetais pra dar de comer pros porcos sujos na lama que viram presuntos no açougue. O resto da história vocês já conhecem. O cão magro procura o osso duro pra roer. O mendigo o misto frio pra comer. E as conversas continuam...

ROGÉRIO PEREIRA

Ourinhos – SP

Formado em artes visuais com linha de pesquisa acerca do Livro do Artista e a visualidade da palavra. Professor da rede estadual nos ciclos II e III. Romancista, contista e poeta, participo de feiras e eventos literários e já belisquei alguns prêmios. Escrevo sobre o cotidiano, suas vírgulas, minúcias e poréns. Natural de Osasco/SP e atualmente vivo na cidade de Ourinhos, no interior de São Paulo. Vencedor do concurso literário de Mogi das Cruzes em homenagem ao Teatro Experimental Mogiano (TEM) 2015, na categoria poesia.

Título premiado: Impressão

Conheça mais obras do autor:

rogerio_pereira07@yahoo.com.br

IMPRESSÃO

Ainda era noite quando abri os olhos em desespero, pensei no motivo de manter o despertador do celular com volume tão alto e porque insistia naquele som absurdo e arcaico. Por várias vezes cogitei trocá-lo pelo tilintar de sinos ou uma seresta instrumental que fosse.

Estava eu em suados lençóis e a preguiça me comia feito uma doença, devo ter bebido demais sentado na varanda enquanto o vento assobiava e não permitia que eu entrasse para copular com a solidão. Precisei de alguns instantes para me levantar e arrastar os pés descalços até o lavabo. Encontrava-me sozinho naquela quinta e diante do espelho vislumbrei o dia que teria pela frente, todas as agruras de lecionar no colégio Dom Eunico de Palmares.

“Posso ir ao banheiro?” me pareceu uma pergunta estúpida demais, ainda mais feita a mim mesmo.

Andava entusiasmado no último mês pelo segundo lugar no concurso de poesias da Barra do Jacaré, pela primeira vez considerei a possibilidade do que escrevo ser razoável,

conquanto jamais pudesse afastar totalmente a ideia de não conseguir realizar as coisas com muita qualidade.

A escola novamente protagonizou meus pensamentos, de sobressalto, com apenas café requentado nas entranhas e suéter gasto sobre os ombros, estacionei meu fusca 86 ao lado dos modelos novos dos outros professores. Parei próximo demais da parede e subi o único lance de escadas, estava frio, eu queimava, certo que havia em mim um bom tanto de ausências.

Me demorei na sala dos professores fingindo preparar mentalmente a aula enquanto enchia a garrafa com água gelada e em seguida, tomando um café, novamente doce demais.

Caminhava em direção ao banheiro quando soou o sinal indicando que a segunda aula do dia havia terminado. Dei meia volta cancelando o próprio direito e me dirigi até a sala de número 4. Nenhum funcionário estava pelos corredores largos com suas paredes repletas de trabalhos pendurados sem muito planejamento. Respirei fundo e parei encostando a testa na porta azul com um enorme número pintado de branco. O zumbido provocado pela mistura das vozes penetrou profundamente o meu ser causando uma dor lancinante na cabeça.

Relegado àquela manhã, a perna bamba por encarar a turma pela primeira vez, decidi entrar à base de um sorriso no canto da boca.

- Bom dia! – disse eu em tom suave.

Desejei usar chapéu de boêmio e me esconder por entre as abas de toda aquela indiferença.

Fui tomado pelas dúvidas existenciais de sempre enquanto sentava e abria o diário de classe.

- Alan?!

- Presente!

- Aline?!

- Presente!

- Bárbara?!

- Presente!

- Cláudio?!

- O correto é Claude, senhor!

- Aqui está escrito Cláudio mesmo – falei.

O menino sorriu, como se eu confirmasse o equívoco.

Passei os olhos pela sala e quando abria a boca para iniciar a aula, a voz do mesmo aluno me deteve.

- Não se preocupe, professor. Não é pessoal, apenas não gostam da escola.

- Sei. E você gosta? – questionei.

- Não sou do tipo propriamente acadêmico, se é que me entende, mas possuo certo interesse no ambiente escolar.

- É mesmo?

- Sim, para o bem ou para o mal, a estrutura funciona e merece ser analisada – disse o menino magro e com olhos imensos, os maiores que já vi.

Suas roupas eram engraçadas e me fez desejar perguntar o motivo de estar vestido como um cinquentenário. Não perguntei, apenas passei a prestar mais atenção no jovem de botas e sobrecasaca, que certamente era ignorado pelo restante da turma por se achar esperto demais e por se vestir com as roupas do avô.

- E como anda isso que vocês chamam de arte contemporânea? – perguntou-me.

- Oi?! – falei um pouco perplexo.

- Tantos estudos realizados, meses debruçado na própria inquietação acerca dos caminhos da imagem e o futuro daquela engenhoca e vejo como o tempo deu conta de matar várias coisas.

- Tem lido sobre o quê atualmente, menino?

- Ah, o senhor sabe, um pouco de tudo, ainda estudo sobre os fenômenos ópticos, saio a campo e observo a luz. Ah, a luz!

Considerarei por um breve momento ser vítima de alguma brincadeira ou homenagem por parte da direção do colégio, possibilidade essa descartada facilmente pela certeza da própria insignificância naquele lugar.

Abandonou o desconfortável assento e caminhou até bem perto de mim, pegou um toco de giz laranja com movimentos suaves, sorriu levemente e escreveu um nome na lousa, em seguida proferiu:

- Sou eu, Monet!

De súbito tive um estalo na mente e tudo ficou claro, ao perceber os esboços no caderno semi aberto e o tipo de lápis deitado junto às folhas, sim, era ele, Claude Monet, de alguma forma estava diante de mim. Não pensei em fantasmas naquela hora, nem em fenômenos sobrenaturais, era físico, real. Senti o tempo transmutar e se transformar em essência no sublime olhar do jovem artista.

Não perderia tempo conjecturando sua possível viagem através dos anos, queria ouvi-lo, saber sobre o passado e o que seria do futuro.

- Professor, só queria dar uma olhada nas crianças, na relação delas com a imagem, passava o dia todo com esse caderninho nas mãos, gostava dos retratos, hoje vocês tem aquilo! – disse, apontando os olhos para um aluno que

provavelmente passaria os cinquenta minutos da aula vidrado na telinha.

E continuou.

- Quando inventaram a máquina pensei nos novos rumos para o meu trabalho, queria estudar a luz e sua relação com a cor, as pinceladas seriam como os pássaros.

Nessa hora um arrepio percorreu meu corpo até morrer nas extremidades, estava ouvindo algo único, o sonho de qualquer apreciador de arte. Percebi de relance uma bolinha de papel voando sobre meu ombro esquerdo, umas vozes desconexas acusando metade da sala, mas meus sentidos eram todos daquela criatura.

- Fale sobre a beleza de Giverny, por favor! – como se eu implorasse.

- O senhor sabe, e me espanta essa pergunta. A beleza está na maneira como se quer ver, o jardim de Giverny é essa lousa, como uma manhã aconchegante de inverno, o silêncio de Camille ou o movimento da natureza de Turner. Embasbacado com a fala da criança, só consegui pedir uma dica, um alento para seguir lecionando.

- Professor, mostre o jardim a eles.

Antes que pudesse lhe dizer qualquer coisa, o sinal tocou e os alunos saíram para o intervalo, perdi de vista o jovem

Monet, não pude abraçá-lo nem afirmar a importância daquela visita. Minha mente em estado de transe tentava processar aquele silêncio tão incomum, com os olhos fixos senti a visão escurecendo e o cantar de pássaros em revoada. A campainha altíssima me fez estremecer, demorei alguns segundos para entender que se tratava do despertador. Mais um dia começando, as lembranças da última noite foram se dissipando até que não restou quase nada.

Decidi fazer um café novo e comer alguma coisa antes de sair, haviam me ligado na véspera, o professor efetivo iria faltar. Ao estacionar o carro e subir o lance de escadas o corpo estava leve e a mente como um algodão embebido em frutas frescas, jamais estivera tão sereno. Passei pela mesa do inspetor e apenas avisei que sairia com os alunos até o jardim.

TATIANNY CRISTINA GOSUEN DE SOUZA

Uberlândia - MG

Nasceu em Uberlândia, Minas Gerais, e passou toda a sua infância lá. Sem ter condições de viajar muito, decidiu explorar o mundo através dos livros. A imensa biblioteca da de sua escola primária abriu as portas para ao mundo das palavras e das sensações, das viagens que os livros podiam nos proporcionar. Com 23 anos, permanece na mesma cidade, cursando Administração na Universidade local, mas sem jamais esquecer de mergulhar nas aventuras dos livros literários. São a sua paixão.

Título premiado: Delírio

Conheça mais obras da autora:

tatisailordesouza@yahoo.com.br

DELÍRIO

Ele encarava a suave rachadura acinzentada que maculava a brancura daquele teto sem sequer piscar. Seu corpo estava cansado — sua mente mais ainda —, mas mesmo assim ele jamais pararia de lembrar. O garoto nunca mais tiraria da mente as imagens daquele último dia... Ele sempre se lembraria daquela festa, daquela noite que deu significado à sua existência.

A música envolvia a sala coberta de sombras e as fazia dançar. Ele via os corpos se mexendo, se tocando naquela dança ritmada unicamente pelo efeito do álcool. De braços cruzados, o jovem permanecia quieto num canto, camuflado pela parede escurecida. Ninguém parecia notar ali, ninguém o enxergava. Mas ele via tudo, ele observava a todos. Pelo canto dos lábios, ele sorria sozinho, se divertindo com aquela brincadeira jogada unicamente por ele.

O que o jovem não percebeu foi a aproximação dela, daquela garota de cabelo esvoaçante e sorriso de criança, que quebrou suas regras. Ele jamais se esqueceria daquele

primeiro contato. O garoto estava acostumado a ser ignorado, deixado isolado em um canto como se não existisse ou tivesse sentimentos. Mas naquela festa que brilhava a luzes neon, foi ela quem mudou tudo. Como alguém consegue ter tamanha força interior e se tornar uma pessoa a ser admirada em tão poucos instantes? Como alguém ainda podia distribuir esperança? Ele se surpreendeu ao descobrir que indivíduos assim ainda existiam e que, acima de tudo, não haviam se esquecido dele.

— O que faz aí sozinho? — ela perguntou com suas palavras rápidas, curiosas. O garoto quase não teve tempo de registrar na mente a presença dela ao seu lado. O hálito dela, quente com sabor de menta, o inundava cada vez mais enquanto a menina falava. — Você parece ser muito interessante. — a jovem continuou, puxando-o pela mão e levando-o em direção ao centro da festa. — Vamos ser amigos.

O garoto fecha os olhos, um nó entope sua garganta, e ele fica cego diante das lembranças manchadas. O vermelho não parava de tingir o que restava de suas memórias.

— Quero mostrar uma coisa a todos — a jovem exclamou, ainda segurando a mão do rapaz junto à sua.

Foi então que todos aplaudiram, assobiaram e riram. Eles estavam bêbados. E tarde demais ele percebeu que a garota estava bêbada também.

Os dedos dela se separaram dos dele, e a garota sorridente correu até o encontro da janela.

— Eu posso voar — ela disse, colocando o primeiro pé na beirada da janela aberta. O vento sacudiu seus cabelos, fazendo-os, por um único instante, dançarem no mesmo compasso que o vento.

Ela agora tinha ambos os pés apoiados naquele buraco na parede em forma de precipício. A neve ali fora era quase da mesma brancura que a garota. Enquanto ela ainda lançava seu último sorriso infantil aos demais, sua figura pareceu tão pequenina diante da imensidão do céu que ela quase se tornou um floco de neve também. Sim, no exato instante em que o garoto esticou a mão para alcançar a dela mais uma vez, no momento em que seus pés começaram a avançar em pânico pelo chão, a garota pulou, com ambos os braços esticados como se pudesse voar. Como se todos esperassem testemunhar um milagre,

ninguém a impediu, ninguém deixou de sorrir antes de vê-la cair.

Quando todos perceberam que ela não voou, ninguém pareceu acreditar. O par de asas humanas que todos aguardavam admirar jamais se tornou real. Do sétimo andar daquele apartamento de classe média, eles não ouviram o barulho da garota ao atingir no chão, ninguém viu a tempo o exato momento em que seu corpo tocou a neve congelada no concreto e a manchou com seu sangue para sempre.

O garoto foi o primeiro a chegar até a janela, a gritar com todas as suas forças para que a morte entregasse aquela garota de volta a ele. Diante da festa que continuava em sua batida de punk ensurdecidora, foram poucos os jovens que notaram o que tinha acontecido. Era tão inacreditável o efeito do álcool na mente daqueles meninos que poucos deles pareceram entender o que havia significado aquilo. Nenhum deles nunca tinha visto a morte tão próxima quanto naquele momento. Nenhum dos garotos jamais a imaginaria tão perto assim até vê-la brincar com uma das vidas ao seu redor.

Assim que o garoto desistiu de gritar, quando ele perdeu a esperança de ver a jovem se mexer, ele correu para fora do apartamento no instante em que suas lágrimas

começaram a cair e arder. Ele saiu em disparada pela rua na direção contrária do corpo morto da garota. O garoto não queria acreditar que ela havia morrido, não quis acreditar que aquele rosto sorridente nunca mais mostraria um sorriso outra vez. Sem rumo, ele apenas correu. Correu até suas pernas cansarem, até sua respiração precisar de mais ar. Mesmo com a neve, o suor escorria pelo seu rosto.

Depois de um momento que se equivalia a um par de horas, ele deitou-se no chão, a mente girando em transe. Ele só percebeu que precisava de uma saída quando fechou os olhos e a escuridão se tornou sua única escolha.

Assim que os abriu novamente, de imediato ele não soube onde estava. Seu corpo doía, sua mente latejava como nunca. E a brancura de todo o lugar ao seu redor quase o fez delirar, seu cérebro devaneando que ele havia alcançado o céu. Mas não tardou até ele encontrar uma rachadura cinza no teto daquele cômodo branco quase perfeito, não demorou até ele distinguir os primeiros sons, os primeiros passos. Piscando e concentrando-se em sua volta, o jovem lastimou descobrir que estava em um hospital. Desiludido, ele tentou se mover, mas seus braços estavam cheios de agulhas; tentou se levantar, porém sentiu frio ao perceber que vestia somente uma roupa de papel.

Quando a primeira enfermeira veio para examiná-lo, ele não deixou que ela o tocasse. Ao olhar para sua pele, era como se seus braços estivessem cobertos de sangue. O jovem gritou, tão alto que fez a enfermeira derrubar sua papelada no chão para tapar os ouvidos com força. De olhos fechados, ela não viu o garoto que acabara de acordar a correr para fora do quarto, mas seu grito de animal machucado e abandonado podiam ser ouvidos por todos do hospital. Ninguém o impediu, ninguém tentou pará-lo enquanto ele avançava para fora da construção. A neve ali fora, que caía cada vez mais densa e sólida, fez questão de abraçar devagar todo o corpo do rapaz e escondê-lo da vista dos demais.

Ele chorou mais uma vez, avançando a passos trêmulos e incertos pelas ruas e avenidas desertas. Quando, quase uma hora depois, ele caiu subitamente no chão, seu joelho batendo numa superfície áspera e dura, ele xingou a dor antes de se deixar ser vencido por ela. Naquele instante, ele percebeu que precisou sentir a dor para saber que ainda lhe restava uma opção. Esse último pensamento aquietou seu coração.

O garoto, agora com cada vez mais frio e tremor, deitou-se no chão coberto de neve e permaneceu quieto ali,

encarando a brancura e a imensidão daquele céu claro e congelado. Ele esticou a mão, sentindo seu corpo ser tomado pelo torpor, e deixou que os flocos de neve caíssem ali. Ele sentia a delicadeza deles, ao mesmo tempo que a força de sua frieza o surpreendiam sempre cada vez mais. Começando a se sentir completo, por um pensamento que conseguia aquietar seu coração, o jovem pensou na garota com hálito de menta, no toque quente de sua mão ao encontro da dele e se sentiu transbordado. Como ela, em breve ele também não existiria mais.

O jovem tossiu, fechando de repente um dos olhos quando a neve caiu dentro dele. Sua pele estava acinzentada, todos os pelos do seu corpo estavam arrepiados, mas mesmo assim ele sabia o que lhe era mais precioso agora. Com um toque, um olhar, aquela garota mudou algo dentro dele, algo que só agora ele estava descobrindo qual nome dar.

A neve, aos olhos dele, continuava a cair tão doce, tão calidamente, que ele chegou a sorrir antes de fechar os olhos pela última vez. Respirando fundo, o jovem deixou que o frio entrasse dentro dele. Ele sabia que iria ficar ali para sempre, até se sentir tão leve quanto um floco de neve,

agora livre para poder dançar pelos céus, até encontrar aquela garota mais uma vez.

Poesias

Premiadas

ANDREA SALES

Belo Horizonte – MG

A autora é mineira de Belo horizonte. De família humilde mas culta, sempre estudou em escolas públicas, mas já com sete anos lia tudo que lhe caia nas mãos e escrevia pequenas histórias. Formou-se em História pela UFMG, é dona de casa, servidora pública e tem uma filha de dezessete anos.

Título premiado: Se for me acolher

Conheça mais obras da autora:

andreasalesprofessora@gmail.com

SE FOR ME ACOLHER

Se for me acolher que seja por inteiro

Acolha meus gritos e meus medos.

Minhas manhas

E meu mau humor de manhã.

Se for me acolher, acolha meu cigarro, meu sorriso
amarelo.

Acolha-me em seus braços.

Acolha-me em sua vida.

Meu telefonema às duas da manhã.

Meu bafo, minha euforia e minha depressão.

Meus sonhos impossíveis como se planos executáveis
fossem.

Acolha meu tropeço, não precisa me dar a mão.

Acolha minha dor com alegria,

Não sinta pena de mim.

Apenas me sinta num abraço.

Se for me abraçar

que não seja de qualquer jeito, que não negue meu cheiro,
se for me amar que não seja sem beijo, sem riso, sem
abraço.

Que seu amor, seja laço.

BRUNA KALIL OTHERO

Belo Horizonte – MG

Nasceu em terras belorizontinas, em outubro de 1995. Publicou, em novembro de 2015, seu primeiro livro, “POÉTIQUASE”, pela Editora Letramento.

Título premiado: Memória estéril

Conheça mais obras da autora: brunakalilof@gmail.com

MEMÓRIA ESTÉRIL

não guardo cópias
das cartas que envio
só as cuspo
cruas
saindo borbulhadas ainda úmidas
enrugando o papel

não salvo cópias
das fotos com namorados
de vez em quando me deparo com alguma
no facebook ou
meio queimada no fundo da gaveta ou
não me deparo com nada porque alguns namorados nem
ficaram tempo suficiente pra foto

não conservo cópias
de rascunhos poéticos
esse mesmo
já todo rabiscado
amanhã vai se encontrar com os irmãos

na ala de papel do lixo reciclável

não insisto na memória

das coisas obsoletas

as cartas os namorados os poemas que escrevo

são filhos bastardos

sem colo

sem tetas

CLÁUDIA CASSOMA

Rockville – EUA

É jovem angolana, nascida em Luanda, mergulhada na arte de escrever desde tenra idade. Música, canto, teatro, dança, foram (são) outros dos seus devaneios; hoje, além de estudante, amante das letras e dos menores, vive crendo que "o voluntário ajuda quem precisa, contribuindo para um mundo mais justo e mais solidário", e dedica qualquer hora vaga ao trabalho social. Entre as coisas que lhe alegra fazer está a edição do seu blogue.

Título premiado: Sei dela como jamais

Conheça mais obras da autora: www.claudiacassoma.com

SEI DELA COMO JAMAIS

a rua que desce
o rio que corre
paredes nuas
rachadura
sei dela
no caducar do outeiro
no fragmentar do passeio
pegadas dos idos dias
ecos das passadas alegrias
sei dela como jamais
estão nas brechas deste logradouro
saltos de folia de miúdo
tempos d'ouro
nas finas areias do musseque
saltos de moleque
o vento, a voz
do tempo presente, a foz
nos lábios grossos de então
manchas dos beijos meus
no ir dos lados teus

resultado do livrar de minha mão
corpos satisfeitos
sei dela de jeito desigual
o berrante nas flores
a ligadura nas dores
nos retângulos de corridas noventa
suor dos candengues dispostos
mulheres em embrulhos
homens com entulhos
lugar de levar à lugares
corredor de dias alegres
nos espaços trancados
canções destemidas
vestígios de sorrisos sem mistura
sei dela do jeito meu
sei dela como jamais

FÁBIO ALBERT MESQUITA

Recife – PE

Nascido em Recife em 12 de fevereiro de 1997, Fábio sempre se interessou pela leitura e pela escrita. Com o estímulo de seus pais e professores, desenhou suas primeiras palavras por volta dos seis anos de idade. Estudante da Faculdade de Direito do Recife, o jovem, aos 19 anos, encontra nos versos um refúgio para o mundo e um espaço onde se sente verdadeiramente livre para se descobrir.

Título premiado: O sino

Conheça mais obras do autor: fabioalbert97@gmail.com

O SINO

Bem,
Meu bem,
Ninguém desceu do trem.
Amém. Também. Quem vai seguir além?
Alguém. Refém. Em busca da cidade de Belém.
Porém, meu bem, sem força ali, que chance tem?
São cem. São sem. Cem corpos sem rosto, também.
Porém, meu bem, sem sangue ali, que chance têm?
Ninguém. Alguém. É morte e vida nesse vai-e-vem
No trem, aquém. A quem da história nunca se abstém.
Refém. Refém do trem. Nem sabe se o final termina bem.
Não vem, o trem. O trem da vida agora se mantém em cem.
Além, meu bem. Além do trem. O sino da igreja toca com
desdém.
Amém.

GEORGE DE PAULA FURLAN,

São José dos Campos – SP

Tem 23 anos e ministra oficinas de criação literária em escolas da rede municipal de São José dos Campos. É pesquisador graduando no curso de Letras, da Universidade Paulista. É ator, dramaturgo e ativista cultural. É autor da série de crônicas: Drama Crônico – o cotidiano dum suburbano. vivida pelo personagem Olavo Passos, publicada no Informativo Cultural Ôxe! É cofundador da Associação Cultural ConPoeMa (Confraria Poética Marginal). É membro do coletivo “Balaio das Artes”, produz o festival “Balaio Estudantil – festival estudantil de teatro”. Atualmente, George de Paula, adapta para o teatro histórias de cordel, no espetáculo “Carolina e Zé Vicente” de sua Cia. Pataquada.

Título premiado: O som da flauta

Conheça mais obras do autor: georgep.furpan@gmail.com

O SOM DA FLAUTA

O som da flauta
voa e falha
se espalha e flana
flerta com a brisa
e frisa flácido e frajola
a fragrância
e rebola
o som da flauta
flui leve
feito
folha seca ao vento
flutuando flatulento
sibilando silvo breve
o som da flauta
inflama e baila
no farfalhar do pensamento
e faz que flecha
lento
lento
lento
o som da flauta

GISELE LOPES PEÇANHA

Niterói - RJ

Vencedora do Concurso de Contos José Cândido de Carvalho - 2014 (Niterói/RJ); do Concurso Internacional de Contos Rubem Alves - Feira Nacional do Livro - 2015 (Ribeirão Preto/SP); do Concurso de Poesias Bauernfest - 2015 (Petrópolis/RJ); Concurso de Contos da Universidade Metodista de Piracicaba - 2015 (Piracicaba/SP). Recebeu menção honrosa no Concurso de Contos da Universidade Metodista de Piracicaba - 2015 (Piracicaba/SP); Concurso Literário Internacional Confraria Brasil – Portugal - Prêmio Machado de Assis - 2015 (Divinópolis/MG); Concurso Literário - Academia Pan-Americana de Letras e Artes do Rio de Janeiro - 2015 (Rio de Janeiro/RJ). Publicou na Antologia Literária Machado de Assis - Editora Canal 6 -2015.

Título premiado: Réquiem

Conheça mais obras da autora: giselamusik@yahoo.com.br

RÉQUIEM

Brutal esplendor da vida
Que empresta a juventude
- O gozo, a inquietude,
A tez agraciada e garrida.

As esperanças dos primeiros passos,
O acalanto do primeiro colo,
Os horizontes largos do início da estrada
- O bálsamo da liberdade.

Punhos firmes erguendo arrimos,
Força nos braços, músculos rijos,
Paixões febris com rotas livres
- Sem muros, sem grades, sem cancelas.

Quem inventou
O desterro de tal bela história?
O fim dos rostos, das paragens,
O carcomer dos sonhos, das memórias?
Os amores sagrados que vivos morreram...

Tudo se arrancará num hiato,
Na nudez do nada, no vento parado,
Na alma ceifada.
Na hora crua que se esgota por dentro, e lá fora.

A ribalta se apaga, o coração se deflagra:
Finda derradeira cena de um último ato.

E em nossos olhos – o breu.

JÚLIO COSTA NETTO

Resende – RJ

Primeiros versos em 1977. Diversas premiações em concursos e publicações em antologias. Publicou em 1991 o romance urbano "Terra sem Deus". Em 2001, publicou o romance histórico "A Confissão" (sob o pseudônimo Mário Cuervo), e o volume de poemas "O Pescador de Sonhos", sob seu próprio nome. Coautor, em parceria com a compositora Paz Helena, do musical infantil "Álbum de Meninas" e do CD "Ciranda do ABC".

Título premiado: Sórdida hora

Conheça mais obras do autor: netto.julio@uol.com.br

SÓRDIDA HORA

A hora é sórdida em que a prostituta
lembra-se de quem foi há tantos anos,
guarda os soluços que ninguém escuta
bebendo o fel dos próprios desenganos.

A hora é sórdida em que o viciado
vende-se um pouco mais a cada dia
pra procurar num mundo do outro lado
uma viagem de êxtase vazia.

A hora é sórdida em que a fome impera
vendendo a dignidade por um pão,
onde a saciedade é uma quimera
e a ética, e a moral, uma ilusão.

A hora é sórdida em que, pelas ruas
formigam tantas impossíveis ânsias
de crianças armadas, seminuas,
que não tiveram nem terão infância.

A hora é sórdida em que um velho anseia
vendo o relógio que, de mais além,
marca sempre uma hora estranha, alheia,
e nunca traz aquele que não vem.

A hora é sórdida no olhar estranho
que um homem traz no rosto à noite escura,
sombrias da noite aumentam seu tamanho
e ele não diz daquilo que procura.

A hora é sórdida e ninguém pergunta
por que é que é sempre assim sórdida a hora
em que a doce ilusão hoje defunta
como uma Esfinge inversa, se devora.

E por ser sórdida pra sempre a hora
em que fenece a flor de cada sonho
quando o sorriso que num rosto aflora
é um esgar de ironia assim medonho;

e por ser sórdida e mesquinha a hora
em que uma máscara se põe no rosto
e esconde a lágrima que não se chora
e a marca mais profunda do desgosto;

e por ser sórdida e cruel e fria
aquela hora que parece eterna
em que cada pedaço de poesia
bebe-se em cada copo na taberna;

e por ser sórdida e por ser maldita
aquela hora em que não tem retorno
e porque a boca já nem mesmo grita,
cheia de cinzas, cujo gosto é morno;

e porque é a hora que não tem mais volta
na qual figuras tristes, débeis, pasmas,
nos acompanham em estranha escolta
dos nossos mais belíssimos fantasmas;

mesmo a imagem no espelho se deforma
e apenas ela sonha e lembra e chora
vendo o relógio que já toma a forma
da que sempre será a sórdida hora.

LEANDRO NORONHA DA FONSECA

São Paulo – SP

É formado em Comunicação Social com ênfase em Jornalismo. Tem um conto policial publicado na antologia "Assassinos S/A" pela editora carioca Multifoco. Publicou dois contos na antologia "Marginal: contos da periferia", organizada pela poeta Adriana Kairos. Seu texto "Promessas Vãs de uma Rainha" conquistou a primeira colocação na categoria "Poesia" do 4º Prêmio Literário Sérgio Farina.

Título premiado: Ode ao número 04

Conheça mais obras do autor: dii_lugh@yahoo.com.br

ODE NÚMERO 04

chego em casa
é quase dez
o corpo grita
e a mente se expande

ele me vem aos pés
lentamente
se enroscando
em meu corpo

se estica em meu peito
o seguro com um dos braços
o outro, ocupado,
está no notebook

deslizo teu corpo
com a palma das mãos
uns pelos cinzentos
me ocupam as vestes

ele não se importa
com o meu cansaço
desdenha o meu suor
quer brincar de morder

seus dentes e unhas
machucam minha carne cansada
o afastamento por causa da dor
que não suporto mais

egoísta, se recolhe
para o outro lado da cama
a língua áspera no próprio corpo
ronronando baixinho

o rosto preto olha a escuridão
do outro lado da porta
quer dormir,
mas o barulho do mundo não deixa

MARCELO DE OLIVEIRA

Salvador - BA

Natural do Rio de Janeiro, formado na Universidade Católica do Salvador. Pós-graduado pela Faculdade Visconde de Cairu com convênio com a APLB/UNEB; Ganhador do Prêmio Personalidade Notável 2014 em Itabira MG ; Membro da União Baiana de Escritores; da Academia de Letras de Teófilo Otoni MG; da Academia Cabista de Letras, Artes e Ciências RJ; da confraria de Artistas e Poetas pela Paz – CAPPАЗ; da Associação Poetas Del Mundo; do Clube dos Escritores Piracicaba SP; Da IWA International Writers & Artists EUA; participa de vários concursos de poesias, contos, publicações em jornais e revistas estaduais, nacionais e internacionais.

Título premiado: Não aguentamos mais

Conheça mais obras do autor:

marceloosouzasom@hotmail.com

NÃO AGUENTAMOS MAIS!

Não aguento mais!

Tiro na esquina

Ferindo o rapaz,

A noite se ilumina

O clarão da chacina

Morre uma menina

Chuva e choro

De dia...

À noite tudo se repete

Nada mais prevalece

A bala come o rosto,

Rosto sofrido de dor

Caído na vala, no esgoto

Muita dor e agonia...

Ninguém sabe ninguém viu

O estouro da bomba deflagrada,

Num flagrante da rapaziada

Não tem festa, não tem nada

O couro come na madrugada
Choro, morte e mais nada...
E mais um corpo despejado
No quintal da estrada.

Não aguento mais
Drama, grito e desespero
Tudo pelo dinheiro
O povo precisa de PAZ
No cemitério o povo Jaz...
Sofrimento, ferida, rapaz
Não aguento mais
Não aguentamos mais!

MARCELO MOREIRA

Salvador – BA

Natural de Salvador, Bahia. Classificado na 4º colocação no XV Festival Nacional de Artes e Poesias. Ganhou Menção Honrosa, pelo conjunto da obra, no I Prêmio Internacional de Literatura Germano Machado. Ficou na 3º colocação no II Concurso Internacional de Poesia da Confraria Cultural Brasil-Portugal. Foi premiado com o título de Cavaleiro Dragão no Prêmio Arthur Rimbaud. Bacharel em Administração, poeta contemporâneo, artista livre de padrão.

Título premiado: Eus

Conheça mais obras do autor: mschandon@hotmail.com

EUS

A sombra

É o reflexo do medo

A visão

Fragmentada dos lados

Extremos

Cobertos de desejos

A sombra é uma versão do meu eu limitado

É um sistema de crenças

Farsas

Trapaças

De realidade ativamente deturpada

De formas obscuras comandadas pelo ego

A sombra é aquilo que nego

Mesmo antes de reconhecer

O Ser

Vai além do que penso que sei

Vai além

Do que acredito que sou

É como versos que se unem

Dentro de um mundo de Universos
Internos
De imaginações
Um lugar sem nome
De infinitas possibilidades
Que vão além de humanos sentidos
Navegando pelo desconhecido
Rumo ao horizonte esquecido
O Amor
A energia da Fonte
Divina
Criadora
De paisagens infinitas do Cosmos
Que emanam frequências de luz
No vazio do próprio Eu
E eu sou todo mundo
E o mundo é um pouco de Deus
E eu sou um reflexo do mundo
E o mundo
Um reflexo de mim mesmo.

MATUSALÉM DIAS DE MOURA

Vitória – ES

É advogado e procurador de carreira da Assembleia Legislativa do Espírito Santo. Escritor, poeta e historiador, já com 18 livros publicados Em concursos literários, no Brasil e no exterior, alcançou, ao longo de suas atividades literárias, mais de 20 (vinte) “primeiros lugares”. É membro efetivo da Academia Espírito-Santense de Letras (Cadeira 34), da Academia de Letras Humberto de Campos de Vila Velha (Cadeira 18), Academia Iunense de Letras (Cadeira 26), do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo e de outras Instituições culturais. É, ainda, Membro Correspondente da academia Mineira de Letras, da ALA (Academia de Letras e Artes), de Portugal, dentre outras congêneres. Na política, foi vereador e presidente da Câmara Municipal de Iúna.

Título premiado: Nós dois pela vida a fora

Conheça mais obras do autor: diasdemoura@yahoo.com.br

NÓS DOIS PELA VIDA

Sem temer os percalços das estradas,
nem a dor das fincadas dos espinhos,
vamos, os dois, andando de mãos dadas,
por esta vida enfim, semear carinhos.

E tuas mãos em minhas mãos atadas,
nas horas dos fracassos mais mesquinhos,
me aparam e me livram das trombadas,
pondo-me, novamente, em meus caminhos.

Assim, os dois seguimos, vida afora,
sempre a cantar nossas canções de amor,
até que chegue, então, a incômoda hora

da morte vir com sua voz de horror
para, da vida, nos levar embora,
em cumprimento às ordens do Senhor.

RAFAELA DAMASCENO

Belo Horizonte – MG

Entrou para o mundo da poesia aos 13 anos, apaixonou-se e nunca mais saiu dele. Ao utilizar a poesia como válvula de escape, já escreveu mais de 300 poemas, dentre eles os poemas que compõem esta antologia, todos relacionados à temática da cidade e a influência que ela exerce sobre os seres humanos.

Título premiado: Só não me peça gelo

Conheça mais obras da autora:

[rafaela_damasceno@hotmail](mailto:rafaela_damasceno@hotmail.com)

SÓ NÃO ME PEÇA GELO

Encontre-me esta noite
Com o melhor sorriso
Que puder na boca
Desenhar.

Traga-me a sua alma
Vestida dos sonhos
Que o nosso amor
Um dia pôde sonhar.

Venha com a canção
Dos beijos ardentes
Que a nossa paixão
Soube abarcar.

Pode trazer suas tristezas
Os seus medos tortos
Suas palavras de adeus
Pra me deixar.

Só não me peça gelo
Para esfriar meu coração
Limpar o amor desse corpo
Que só sabe sentir
E amar.

RAILMA DA SILVA ANUNCIÇÃO

Feira de Santana – BA

É natural de Feira de Santana na Bahia. É graduada em Letras Vernáculas e mestre em Estudos Literários pela Universidade Estadual de Feira de Santana. Possui alguns textos literários publicados na Antologia Prosa & Verso, fruto de oficinas de Criação Literária. Outros textos foram também publicados avulso em diversos meios.

Título premiado: Eu, viela

Conheça mais obras da autora: railmafsa@hatmail.com

EU, VIELA

Me vi
na via,
no beco,
entre ruas e avenidas,
eu, viela, eu
labirinto,
(distinto ser).

Amargo, calado,
sofrido e afável
(avesso viver).

Na nau que desliza
navego em pensamentos
à procura de mim.
Perco-me. Acho-me.
Transito. Não passo.
Pêndulo sem fim...

RENATA CRISTINA ALVES

Tabatinga – SP

Nasceu em Tabatinga, interior de São Paulo, em 1979. É formada em Letras pela UNESP de Araraquara/SP e leciona línguas Portuguesa e Inglesa há 15 anos. Escreve desde os 12 anos de idade, considerando a escrita uma forma de terapia pessoal.

Título premiado: Soneto da realidade

Conheça mais obras da autora: alvestab@gmail.com

SONETO DA REALIDADE

Pobre homem que segue em linha reta
Supondo ter tudo bem ao nariz
Inteiro engana-se, faz mil serestas
Esquece ter a vida tênue raiz.

Não se atenta para o além das curvas
Para o horizonte que não tem fim
Com olhos sadios de vista turva
Não vê as daninhas em seu jardim

Que ingênuo homem! Homem indefeso
Para o que assoma e vem sem avisar
Se soubesse, teria o corpo teso

Porque o acre sabor do despontar
Impede de dele escapar ileso
Qualquer débil corpo a navegar.

RICARDO MAINIERI

Porto Alegre – RS

Poeta contumaz e prosador ocasional. Porto-alegrense, nascido em 1960. Publicitário por escolha, funcionário público por sobrevivência. Livro-solo – A Travessia dos Espelhos, ano de 1990, Porto Alegre, editora IEL/IGEL- Coleção 90, diversas publicações em coletâneas nacionais.

Título premiado: A face do espanto

Conheça maos obras do autor: www.mainieri.blogspot.com

A FACE DO ESPANTO

ninguém poderá salvar-me
de mim mesmo
do contato
com este reservatório
de espasmos & espantos
zona de turbulência
onde a razão não ilumina
meu caminho
com seus aromas & espinhos
é sozinho
apesar do mundo
que me abraça
indiferente
sou consciente
este fardo é comigo.

Destques

Sul

Fluminenses

JÚLIO COSTA NETTO

Resende – RJ

Categoria: Poesia

Primeiros versos em 1977. Diversas premiações em concursos e publicações em antologias. Publicou em 1991 o romance urbano "Terra sem Deus". Em 2001, publicou o romance histórico "A Confissão" (sob o pseudônimo Mário Cuervo), e o volume de poemas "O Pescador de Sonhos", sob seu próprio nome. Coautor, em parceria com a compositora Paz Helena, do musical infantil "Álbum de Meninas" e do CD "Ciranda do ABC".

Título destacado: Sórdida hora

Conheça mais obras do autor: netto.julio@uol.com.br

SÓRDIDA HORA

A hora é sórdida em que a prostituta
lembra-se de quem foi há tantos anos,
guarda os soluços que ninguém escuta
bebendo o fel dos próprios desenganos.

A hora é sórdida em que o viciado
vende-se um pouco mais a cada dia
pra procurar num mundo do outro lado
uma viagem de êxtase vazia.

A hora é sórdida em que a fome impera
vendendo a dignidade por um pão,
onde a saciedade é uma quimera
e a ética, e a moral, uma ilusão.

A hora é sórdida em que, pelas ruas
formigam tantas impossíveis ânsias
de crianças armadas, seminuas,
que não tiveram nem terão infância.

A hora é sórdida em que um velho anseia
vendo o relógio que, de mais além,
marca sempre uma hora estranha, alheia,
e nunca traz aquele que não vem.

A hora é sórdida no olhar estranho
que um homem traz no rosto à noite escura,
sombras da noite aumentam seu tamanho
e ele não diz daquilo que procura.

A hora é sórdida e ninguém pergunta
por que é que é sempre assim sórdida a hora
em que a doce ilusão hoje defunta
como uma Esfinge inversa, se devora.

E por ser sórdida pra sempre a hora
em que fenece a flor de cada sonho
quando o sorriso que num rosto aflora
é um esgar de ironia assim medonho;

e por ser sórdida e mesquinha a hora
em que uma máscara se põe no rosto
e esconde a lágrima que não se chora
e a marca mais profunda do desgosto;

e por ser sórdida e cruel e fria
aquela hora que parece eterna
em que cada pedaço de poesia
bebe-se em cada copo na taberna;

e por ser sórdida e por ser maldita
aquela hora em que não tem retorno
e porque a boca já nem mesmo grita,
cheia de cinzas, cujo gosto é morno;

e porque é a hora que não tem mais volta
na qual figuras tristes, débeis, pasmas,
nos acompanham em estranha escolta
dos nossos mais belíssimos fantasmas;

mesmo a imagem no espelho se deforma
e apenas ela sonha e lembra e chora
vendo o relógio que já toma a forma
da que sempre será a sórdida hora.

ANDRESON LUIZ DE JESUS

Resende – RJ

Categoria: Poesia

Físico, Mestre em Física, faz doutorado em Física na Universidade Federal Fluminense em Volta Redonda. Escreve poemas desde a adolescência.

Título destacado: Candura!

Conheça mais obras do autor: andersonchy@yahoo.com.br

CANDURA!

Oh! Cândia criatura!
Que em seu sorriso revela,
Além de toda a doçura,
O anseio de quem espera...

Como posso nesta altura
Ignorar o que me resta?
Entregar-me na candura
D'uma união tão honesta!

Ainda que vá ao vento
E deixe-me em desalento,
Nunca negarei a ternura

Que me oferece o momento
Sempre que percorro atento
A pele sua alva e pura.

CLÁUDIO JOSÉ MENDES

Volta Redonda - RJ

Categoria: Poesia

É ator, dramaturgo e poeta volta-redondense. É autor de seis peças teatrais e mais de cem poesias em seu catálogo pessoal. Ganhador de três concursos literários de poesia, entre eles o CLIPP (Concurso Literário de Presidente Prudente). É fundador do grupo Bando Teatro.

Título destacado: Nós

Conheça mais obras do autor:

claudiojmendesb@hotmail.com

NÓS

Sua doçura me cativa.
Seu sorriso me alegra.
Seus olhos me fazem chorar,
Quando lembro de nós, inolvidável.

Sua alma me acalma.
Sua boca me sente.
Seu jeito me encanta.
Seu amor encontra o meu, nós.

Sua beleza me leva,
Para um lugar desconhecido por todos,
Somente sabemos eu e você.

Nosso amor sinótico.
Nossos pensamentos coincidentes.
A gosto meu,
Venha-te, setembro.

Minha razão de viver;

Meu prazer te ver.
Sei que é verdadeiro,
Pois foi escrito no céu.
Ter-te,
Indispensável.

Além do comum,
Num plano de sincronias,
Arranjadas e bem cuidadas.
Iguais,
Sim.

Meu Ar,
Minha vida,
Meu destino presente.
Seu ser,
Faz-me;
Meu ser,
Faz-te;
Nós.

Publicações

da

AVL

A Academia Volta-redondense de Letras (AVL) iniciou em 2015 ações voltadas a geração de novos espaços de divulgações de obras literárias, notadamente da cidade de Volta Redonda e da Região Sul Fluminense. Para tanto foram criadas inicialmente duas coleções: *Antologias da AVL* e *Antologias de concursos literários*. A primeira coleção visa a publicação de obras em verso e prosa, nos mais variados gêneros e acadêmicos e escritores da região. A segunda coleção visa publicar textos premiados em concursos e prêmios literários promovidos pela academia. A AVL tem registro junto a Biblioteca Nacional e a Agência Brasileira de ISBN para ajudar escritores da região com a publicação de suas obras.

Em menos de um ano, foram publicadas três obras:

Antologia Luz e Poesia (2015) – antologia de poemas premiados do concurso Luz e Poesia promovidos entre estudantes de Volta Redonda, em parceria com a UFF, em homenagem ao Ano Internacional da Luz.

(disponível gratuitamente em versão eletrônica na página da AVL: www.avl.org.br)

Antologia Prosa & Verso 2015 – antologia de textos dos acadêmicos da AVL. Edição especial de dez anos de fundação. Trata-se da primeira antologia da AVL.

Antologia de Textos premiados no PMJML (2016) – antologia de textos premiados na primeira edição do Prêmio Maria José Maldonado de Literatura
(disponível gratuitamente em versão eletrônica na pagina da AVL:
www.avl.org.br)

Uma publicação da
Academia Volta-redondense de Letras
www.avl.org.br